

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE HISTÓRIA

ANDRÉIA RICHTYELLY DOS SANTOS CORASSA

**ENTRE A CORTESÃ E A RESIDENTA: ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO NA
CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE MADAME LYNCH (1833-1886)**

CHAPECÓ - SC
2025

ANDRÉIA RICHTYELLY DOS SANTOS CORASSA

**ENTRE A CORTESÃ E A RESIDENTA: ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO NA
CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE MADAME LYNCH (1833-1886)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Jaisson Teixeira Lino

CHAPECÓ

2025

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Corassa, Andréia Richtyelly dos Santos
ENTRE A CORTESÃ E A RESIDENTA:: ARQUEOLOGIA E
PATRIMÔNIO NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE MADAME LYNCH
(1833-1886) / Andréia Richtyelly dos Santos Corassa. --
2025.
59 f.:il.

Orientador: Drº Jaisson Teixeira Lino

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2025.

1. Guerra da Triíplice Aliança; Elisa Lynch;
arqueologia; patrimônios femininos; faiança fina.. I.
Lino, Jaisson Teixeira, orient. II. Universidade Federal
da Fronteira Sul. III. Título.

ANDRÉIA RICHTYELLY DOS SANTOS CORASSA

**ENTRE A CORTESÃ E A RESIDENTA: ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO NA
CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DE MADAME LYNCH (1833-1886)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de licenciado em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 10/12/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **JAISSON TEIXEIRA LINO**
Data: 18/12/2025 10:52:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Jaisson Teixeira Lino (Presidente da Banca e Orientador)

Documento assinado digitalmente
 **ANTONIO LUIZ MIRANDA**
Data: 17/12/2025 19:04:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Antonio Luiz Miranda (Membro da Banca)

Documento assinado digitalmente
 **ELIANE TAFFAREL**
Data: 17/12/2025 16:12:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Me. Eliane Taffarel (Membro da Banca)

Dedico este trabalho a todas as mulheres que sobreviveram aos horrores da guerra, especialmente aquelas cujas histórias nunca pude conhecer, porque foram silenciadas, apagadas da história ou tiveram suas narrativas distorcidas e diminuídas. Que esta pesquisa seja, ainda que modestamente, um gesto de reconhecimento, memória e reparação.

AGRADECIMENTOS

Escrever estes agradecimentos não é uma tarefa fácil para mim, não porque tenho pouco a agradecer, mas porque devo muito a inúmeras pessoas que passaram pela minha vida e a transformaram por completo. Acredito que estar entregando este trabalho, que até hoje é meu maior motivo de orgulho acadêmico, só foi possível porque recebi apoio, carinho e segurança de muitas pessoas diferentes. Como diria minha amada cantora favorita, Taylor Swift: “Long live the walls we crashed through; How the candlelight shined just for me and you; And I was screaming, “long live all the magic we made”.” Todas as barreiras que atravessei até aqui foram fruto da magia que cada pessoa que me ajudou depositou em mim por meio de sua confiança e cuidado.

Porém, seria impossível agradecer sem mencionar aqueles que foram os principais responsáveis por eu chegar ao fim da minha Licenciatura em História, algo que sonhei desde criança. Por isso, iniciarei agradecendo quem fez parte indiretamente dessa conquista, para então finalizar com aqueles que estiveram diretamente envolvidos na realização deste trabalho.

Começo pelo início da minha vida: meus pais, as pessoas que mais acreditaram em mim e que eu mais amo no mundo. Ser uma criança adotada não é fácil, mas nunca me senti tão realizada e completa quanto ao lado de vocês, dona Lice e seu Nande, agricultores que nunca tiveram a chance de focar em seus próprios estudos. Este trabalho é de vocês também. Sem vocês, eu jamais teria chegado até aqui, muito menos permanecido até o fim. Nenhum conhecimento no mundo se compara ao que vocês me ensinaram: ser grata, fazer tudo com amor e sempre persistir. Se hoje me encontro como uma mulher adulta, seguindo meu próprio caminho, é porque vocês fizeram tudo o que podiam para que meus sonhos se realizassem, e sempre acreditaram em mim.

À minha mãe biológica, Cleonir, que mesmo sem poder estar sempre perto insistiu e lutou pela minha educação. Para ela, cursar uma faculdade nunca foi dúvida: eu faria, e seria o que eu quisesse ser, porque ninguém deveria ser privado de fazer o que ama. Obrigada por sempre me apoiar e nunca ter desistido de mim, mesmo quando a presença física não era possível.

À minha irmã mais velha, Camila, que sempre cuidou de mim e esteve ao meu lado em todos os momentos. A pessoa que eu mais tenho medo de decepcionar. Lembro que foi a primeira para quem liguei quando vi o resultado do SISU, e pretendo que seja a primeira pessoa que irei abraçar quando me formar. Obrigada pelos conselhos, pela confiança e por ser

meu porto seguro quando tudo parece difícil demais de suportar. À minha prima, que gosto de chamar de irmã, Roberta. Morou comigo no meu primeiro ano de faculdade e viveu ao meu lado o início da vida universitária, mas nossa história é muito maior do que isso. Eu viveria todos os perrengues novamente se isso fosse desculpa para reencontrá-la todos os dias.

Ao meu companheiro de vida, Bruno, que nesses dois últimos anos de faculdade foi meu porto seguro. Nunca imaginei que, ao apresentar o laboratório aos calouros em uma aula de arqueologia, encontraria o amor mais gentil e puro da minha vida. Sendo o pé no chão que eu precisava para completar minha mente sentimental. Foi quem manteve minha saúde mental e física nas semanas em que eu não pensava em outra coisa além de escrever este trabalho. Sou imensamente feliz em dizer que a vida ganhou ainda mais sentido depois que ele chegou. Te amo com todo o meu coração.

Ao meu melhor amigo de infância, Mateus, que continua sendo a primeira pessoa em quem penso quando estou feliz ou triste. Compartilhamos a vida desde crianças; crescemos juntos na pacata Derrubadas, cidade de 2 mil habitantes, e você foi o responsável por eu chegar a uma universidade federal (eu me recusava a ficar longe dele). Moramos juntos por boa parte da faculdade, você quem revisou meus textos quando estava insegura. Sempre será a pessoa em quem mais confio no mundo. Nós nunca saímos de moda, e quero que siga assim até estarmos velhinhos, indo juntos buscar nossa aposentadoria. Almas gêmeas nem sempre são românticas e ele é a prova disso na minha vida.

À minha querida amiga Victoria, ou Vic. Dizem que temos dependência emocional, mas eu digo que é difícil imaginar uma vida em que ela não esteja por perto. Entramos juntas na universidade, ela em Geografia e eu em História, e mesmo antes do resultado do SISU já éramos uma dupla e tanto. A pandemia atrasou nosso encontro presencial, mas desde a primeira vez que sentei ao lado de sua cabeleira ruiva, nos tornamos melhores amigas e eu soube que seríamos inseparáveis. Te amo da Lua até Saturno.

Às minhas amigas do início da faculdade, Luiza e Laiane, que permanecem até hoje. Amo tanto elas que, toda vez que passo em frente ao R.U., lembro das nossas jantas acompanhadas de boas fofocas. Tento não me apegar à nostalgia, mas é difícil quando vivi momentos tão bons ao lado de pessoas tão amáveis. Não poderia deixar de mencionar também minhas meninas do D.I.V.A.S, Eduarda, Leticia, Laís (que terá seu momento em breve) e Joana (ou JoJo). Nunca me esquecerei do quanto fui feliz com vocês. A faculdade ficou mais leve porque vocês existiam nela. Que nossa amizade transcenda a universidade, porque o bem que vocês me fazem, eu quero levar para a vida toda.

Feitos os agradecimentos àqueles que indiretamente contribuíram para que esta pesquisa acontecesse, agora é hora de agradecer quem esteve diretamente envolvido. Primeiro, minha segunda casa na graduação: o LUPA, Laboratório Universitário de Patrimônio e Arqueologia, que me acolheu tão bem e se tornou um refúgio onde descobri que a parte mais fascinante da História está em desvendá-la por meio da cultura material. Agradeço também à Universidade Federal da Fronteira Sul por ser esse espaço de educação pública e de qualidade. Nunca paguei um real para estudar e, mesmo assim, não poderia ter recebido uma melhor formação.

Ao meu orientador, professor Dr. Jaisson, por todas as oportunidades e portas abertas. Graças às suas aulas, não precisei de muito tempo para me encontrar no curso. Obrigada por acreditar em mim e por me dar o presente de integrar o projeto do qual este TCC deriva. O projeto das “Materialidades do Conflito e do Pós-conflito na Guerra do Paraguai” é a coisa mais linda da qual já fiz parte. Obrigada também por um dia ter sugerido, quase ao acaso, que eu pesquisasse louças, quem diria que eu seria tão feliz analisando fragmentos de pratos? Isso mudou minha vida. Se hoje me sinto completa com meu objeto de estudo, é porque o senhor esteve lá para me orientar, acho ainda que nunca terei palavras o suficiente pra expressar o quanto sou grata por tudo.

Gostaria também de expressar minha profunda gratidão a todos os professores que passaram pela minha trajetória acadêmica e pessoal, em especial aos docentes da graduação. Ensinar História, hoje, é um desafio constante. Vivemos um contexto em que o professor de História no Brasil enfrenta processos de estigmatização que não deveriam existir, pois a educação é, por natureza, um ato belo, ético e transformador. Por isso, reforço meu reconhecimento e admiração por todos aqueles que dedicam sua vida a ensinar, inspirar e promover o pensamento crítico, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e acolhedora a todos.

Agradeço também quem colocou a mão na massa comigo durante esta pesquisa. Alana, lembrarei para sempre de você como responsável pelas ótimas fotos técnicas deste trabalho, obrigada por todo o empenho e parceria. E então chegamos à minha menina, Laís, minha caloura e amiga. Você apareceu como um presente inesperado, mas eu sabia que seríamos como unha e carne. Entrar no mundo da arqueologia ao seu lado tornou tudo ainda mais especial. Você me auxiliou na produção de intermináveis planilhas de análise que chegou a ter dor nas costas e nunca reclamou, além de estar presente em todas as viagens de campo. Não existe palavra no mundo que traduza o quanto você é especial para mim. Cada frase escrita neste TCC foi pensada com você em mente, porque você foi essencial neste processo.

Que tipo de veterana eu seria se não desse o exemplo para minha eterna caloura favorita? Te amo muito.

Por fim, mas de forma nenhuma menos importante, agradeço ao povo humaitenho pela generosidade e acolhimento. Em especial à dona Vicenta Miranda, proprietária do acervo de Madame Lynch analisado nesta pesquisa, que jamais se opôs ao nosso acesso ao seu acervo e foi sempre gentil e solícita com nossa equipe. Este trabalho simplesmente não existiria sem seu acolhimento. Agradeço também ao Marito, nosso braço direito em nossas idas a Humaitá, e deixo um agradecimento geral ao povo paraguaio, sempre perseverante e acolhedor, mesmo diante das injustiças sofridas.

“A guerra “feminina” tem suas próprias cores, cheiros, sua iluminação e seu espaço sentimental. Suas próprias palavras. Nela, não há heróis nem façanhas incríveis, há apenas pessoas ocupadas com uma tarefa desumanamente humana. E ali não sofrem apenas elas (as pessoas!), mas também a terra, os pássaros, as árvores. Todos os que vivem conosco na terra. Sofrem sem palavras, o que é ainda mais terrível.”¹

1 Aleksiévitich, Svetlana A guerra não tem rosto de mulher. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RESUMO

Este trabalho tem como tema central a figura de Elisa Alicia Lynch e os testemunhos materiais relacionados a ela, investigando seu patrimônio cultural e histórico no contexto da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870), período em que atuou como primeira-dama do Paraguai. O objetivo é identificar e analisar esses testemunhos, compreendendo o impacto de seu patrimônio e a representação das mulheres nesse cenário histórico. A abordagem teórico-metodológica inclui uma análise crítica das fontes históricas, combinando história, arqueologia e estudos de gênero. O estudo se divide em duas partes: a primeira explora o patrimônio cultural vinculado à Elisa e sua biografia, e a segunda examina o patrimônio resgatado de Elisa Lynch em sua casa em Humaitá, no sul do Paraguai, analisando materiais como objetos pessoais e residenciais, especialmente seus fragmentos de louça. O recorte cronológico abrange desde sua chegada ao Paraguai até seu falecimento, buscando uma compreensão mais ampla de sua história.

Palavras-chave: Guerra da Tríplice Aliança; Elisa Lynch; arqueologia; patrimônios femininos; faiança fina.

RESUMEN

Este trabajo tiene como tema central la figura de Elisa Alicia Lynch y los testimonios materiales relacionados con ella, investigando su patrimonio cultural e histórico en el contexto de la Guerra de la Triple Alianza contra Paraguay (1864-1870), período en el que actuó como primera dama del país. El objetivo es identificar y analizar dichos testimonios, comprendiendo el impacto de su patrimonio y la representación de las mujeres en este escenario histórico. El enfoque teórico-metodológico incluye un análisis crítico de las fuentes históricas, combinando historia, arqueología y estudios de género. El estudio se divide en dos partes: la primera explora el patrimonio cultural vinculado a Elisa y su biografía, y la segunda examina el patrimonio recuperado de Elisa Lynch en su casa de Humaitá, en el sur de Paraguay, analizando materiales como objetos personales y domésticos, especialmente sus fragmentos de loza fina. El recorte cronológico abarca desde su llegada a Paraguay hasta su fallecimiento, buscando una comprensión más amplia de su historia.

Palabras clave: Guerra de la Triple Alianza; Elisa Lynch; arqueología; patrimonios femeninos; loza fina.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Elisa Alicia Lynch aos 20 anos de idade.....	16
Figura 2 - Elisa Alicia Lynch e Francisco Solano López representados no museu municipal de Humaitá- Paraguai.....	19
Figura 3 - Casona Madame Lynch.....	22
Figura 4 - Quadros de Elisa Lynch no Museu Militar do Ministério da Defesa Nacional.....	24
Figura 5 - Vestuário de Elisa Lynch no Museu Militar do Ministério da Defesa Nacional.....	25
Figura 6 - Acervo de Prataria e itens domésticos de de Elisa Lynch no Museu Militar do Ministério da Defesa Nacional.....	26
Figura 7 - Túmulo de Elisa Lynch no cemitério La Recoleta.....	27
Figura 8 - Jardins de Madame Lynch atualmente.....	28
Figura 9 - Arquivo resgatado do Jardim de Madame Lynch.....	30
Figura 10 - Monumento de Las Residentas.....	35
Figura 11 - Vestígios dos Jardins de Madame Lynch em Humaitá.....	37
Gráfico 1 - Tipos de fragmentos.....	40
Gráfico 2 - Partes dos fragmentos.....	41
Gráfico 3 - Esmalte presente nos fragmentos.....	42
Gráfico 4 - Técnica decorativa dos fragmentos.....	42
Figura 12- Peça MDM16.....	43
Figura 13- Peças MDM04/MDM05 e MDM20.....	44
Figura 14- Peças MDM06, MDM36, MDM11/MDM12 e MDM07.....	45
Gráfico 5 - Cor presente nos fragmentos.....	46
Gráfico 6 - Forma pertencente ao fragmento.....	47
Figura 15- Peças da Sopeira MDM52 a MDM64.....	48
Figura 16- Exemplo de selo <i>Davenport</i> que segue os padrões de decoração da peça.....	49
Figura 17- Peça MDM33.....	50
Figura 18- Peça MDM35.....	50
Figura 19- Peça MDM01.....	51
Figura 20- Peça MDM14.....	52

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	BIOGRAFIA E PATRIMÔNIOS CONHECIDOS DE MADAME LYNCH..	15
2.1	BIOGRAFIA DE MADAME LYNCH.....	15
2.2	PATRIMÔNIOS E MEMÓRIAS DE MADAME LYNCH.....	20
2.2.1	Casona Madame Lynch.....	21
2.2.2	Acervo Museu Militar del Ministerio da Defensa Nacional.....	22
2.2.3	Túmulo de Madame Lynch no cemitério La Recoleta.....	26
2.2.4	Jardins de Madame Lynch.....	27
3	GÊNERO, PATRIMÔNIO E MATERIALIDADE FEMININA: O CASO DE ELISA LYNCH (1833-1886).....	31
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
	REFERÊNCIAS.....	58

1 INTRODUÇÃO

A maior guerra da América Latina ocorreu na América do Sul no século XIX. A Guerra do Paraguai (1864-1870) foi o conflito armado mais devastador do continente, envolvendo Brasil, Argentina e Uruguai contra a então potência em ascensão, o Paraguai (Doratioto, 2002). Este confronto deixou cicatrizes profundas na região. Embora tenha sido uma guerra majoritariamente lembrada por homens em um cenário de morte e destruição, algumas figuras femininas se destacaram. Entre elas está Elisa Alicia Lynch, uma mulher considerada por muitos de seus biógrafos controversa. Nascida na Irlanda e posteriormente companheira de Francisco Solano López, figura máxima de poder do Paraguai, Elisa desempenhou um papel singular como primeira-dama não oficial durante a guerra. Sua influência transcende a esfera privada, deixando marcas duradouras no imaginário popular do Paraguai.

Estudar Elisa Lynch será mais que investigar uma biografia. Será explorada a interseção entre gênero, poder e memória em um período de intensa violência e mudanças. Apesar de amplamente reconhecida no Paraguai, onde ocupou um cargo de liderança, a figura de Elisa permanece envolta em controvérsias, com interpretações que oscilam entre heroísmo e vilania. Em particular, os testemunhos materiais ligados à sua vida, como as ruínas de sua casa em Humaitá, oferecem uma oportunidade de compreender seu legado e o papel que desempenhou na narrativa histórica da guerra. Como primeira-dama paraguaia entre 1862 e 1870, Elisa foi uma figura proeminente, e sua influência é revelada por artefatos que sobreviveram ao tempo, os quais constituem o foco central desta pesquisa.

O recorte cronológico deste trabalho abrange toda a trajetória de Elisa desde seu nascimento até sua morte em 1886. O problema de pesquisa centra-se em como os testemunhos materiais relacionados a Elisa Lynch podem contribuir para a compreensão de seu papel histórico e cultural durante a Guerra do Paraguai e sua representação na memória coletiva. Questões como a identificação e análise de artefatos sobreviventes, as informações que eles revelam sobre sua vida e influência, e como esses vestígios moldam a representação feminina e histórica de Elisa Lynch serão exploradas.

A pesquisa dialoga com diversos estudos relevantes, incluindo a obra de Francisco Doratioto (2002) sobre a Guerra do Paraguai, que oferece uma base para a compreensão geral do conflito. No campo da arqueologia de gênero, foram utilizados os trabalhos de Laura Pereira Furquim e Camila Pereira Jácome (2019) e Loredana Ribeiro (2017), que fornecem fundamentos teóricos para abordar os vestígios materiais sob a ótica de gênero. Além disso, a

análise biográfica e do legado de Elisa Lynch será enriquecida pelas pesquisas de Natália Neres da Silva (2019 e 2020) e Luciara Silveira de Aragão e Frota (2014), que particularmente contém estudos sobre a construção da memória e os impactos políticos e culturais da primeira-dama não oficial paraguaia no período da guerra. No terceiro capítulo, a metodologia de análise dos materiais arqueológicos, com destaque para as louças (faiança fina), seguirá os preceitos estabelecidos por Fernanda Bordin Tochetto (2001) e Luis Claudio Symanski (1998), cujas abordagens na arqueologia histórica fornecem instrumentos técnicos e interpretativos fundamentais para a identificação, classificação e contextualização dos artefatos.

Ao dialogar criticamente com essas obras, a pesquisa propõe uma abordagem interdisciplinar que combina história, arqueologia e estudos de gênero, oferecendo uma análise detalhada e abrangente da figura de Elisa Lynch e de seu impacto histórico e cultural. Inicialmente, o estudo se aprofunda em sua biografia, contextualizando sua trajetória desde suas origens na Irlanda até seu papel de destaque como primeira-dama do Paraguai durante a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870). Esse enfoque biográfico examina tanto os aspectos pessoais quanto os políticos e sociais que moldaram sua atuação, buscando compreender como suas ações foram interpretadas e reinterpretadas ao longo do tempo.

Na sequência, ainda no primeiro capítulo, a pesquisa direciona-se para a análise dos patrimônios materiais conhecidos relacionados a Elisa Lynch, como sua casa no centro de Assunção. Esses testemunhos físicos permitem investigar a materialidade de sua vida e o impacto que exerceu no contexto da sociedade paraguaia do século XIX. Sua mansão, bem como outros vestígios associados, são interpretados como elementos de uma narrativa mais ampla que articula poder, gênero e memória, revelando as complexas interações entre sua figura pública e as dinâmicas culturais da época.

No segundo capítulo, em sua primeira parte, serão abordadas as interseções entre gênero e arqueologia, com uma análise das questões teóricas e metodológicas envolvidas e de como elas se relacionam com a história de Madame Lynch. Dessa perspectiva se busca compreender como os vestígios materiais e as interpretações arqueológicas podem indicar aspectos das construções de gênero, das relações de poder e das formas de representação feminina no contexto da Guerra do Paraguai, situando Elisa Lynch como parte dos processos históricos e culturais do período.

Assim, o foco se volta para uma coleção inédita de vestígios relacionados a Elisa Lynch, coletados e preservados pela historiadora Vicenta Miranda. Essa coleção, que reúne

objetos provenientes dos chamados Jardins de Madame Lynch e atualmente exibidos no Museu Particular Dom Maximino, constitui uma fonte de pesquisa ainda pouco explorada. Entre os materiais, as louças de faiança fina e fragmentos cerâmicos ocupam lugar central na análise, pois permitem identificar práticas cotidianas, hábitos de consumo e dinâmicas sociais associadas à vida doméstica de Elisa durante a guerra. Esses artefatos, ao revelarem padrões de uso, origem e circulação, tornam-se instrumentos essenciais para compreender o modo como o feminino se manifestava e era construído no contexto conflituoso do século XIX, em que as fronteiras entre esfera privada e pública eram constantemente tensionadas.

Essa abordagem em etapas, partindo da biografia para o estudo de patrimônios conhecidos e culminando na investigação de uma coleção inédita, proporciona uma visão mais articulada sobre Elisa Lynch. Por meio da integração de fontes documentais, materiais e arqueológicas, busca-se não apenas reconstruir sua história, mas também lançar luz sobre os papéis desempenhados pelas mulheres no contexto da Guerra do Paraguai. A pesquisa, assim, contribui tanto para os estudos históricos quanto para a valorização e preservação do patrimônio cultural associado ao feminino durante os anos de 1864-1870.

O objetivo final é oferecer uma reavaliação crítica de sua presença na historiografia, considerando tanto sua atuação no contexto da Guerra do Paraguai quanto o impacto de sua memória na cultura paraguaia contemporânea. Ao investigar seus legados materiais e simbólicos, a pesquisa busca contribuir para o entendimento da complexidade das representações femininas em períodos de conflito e reconstrução.

2 BIOGRAFIA E PATRIMÔNIOS CONHECIDOS DE MADAME LYNCH

2.1 BIOGRAFIA DE MADAME LYNCH

Elisa Alicia Lynch entrou para a história como uma mulher marcante de seu tempo, nascida na ilha de Cork em 9 de novembro de 1833, na Irlanda. Sua mãe, Elizabeth Lloyd, era protestante, enquanto seu pai, John Lynch, era médico rural e católico nacionalista. Como aponta Frota (2014, p. 80), parece ter prevalecido a fé paterna, já que Elisa foi batizada como católica em Charleville, no Condado de Cork. Advinda de uma família numerosa, teve três irmãos, dois meninos e uma menina. Apesar de hoje sabermos, por meio de documentos legais, que Elisa se tratava de uma cidadã irlandesa, por muito tempo sua origem foi dada como incerta, visto que, por mais que se autodeclarará irlandesa, muitos historiadores a definiram como sendo inglesa de nascimento (Frota, 2014; Fanning, Lillis, Paro, 2019).

Por vezes dita como irlandesa, por vezes declarada inglesa, a única informação sobre o passado de Madame Lynch que não deixava dúvidas aos seus pesquisadores e biógrafos é o país de sua educação. Foi na França que ela aprendeu a se portar como uma dama da época e ainda estudar piano. Segundo Frota (2014, p.81-85), foi com seu cunhado francês, Tamburini, que ocupava o cargo de crítico musical do II Império francês, que ela resolveu se aperfeiçoar no instrumento. Ainda na Inglaterra, viria a conhecer seu primeiro marido (único legítimo) aos 16 anos — idade em que também se casou na igreja anglicana — com Xavier de Quatrefages, um farmacêutico do exército francês. Residindo como casados em Paris e depois na Argélia, onde ele chefiou o Serviço de Saúde Militar, porém, o casamento não passaria de três anos. Aos 20 anos de idade, e recém divorciada, Elisa teria seu primeiro encontro com Solano López (Fanning, Lillis, Paro, 2019; Micotti 2024).

Figura 1 - Elisa Alicia Lynch aos 20 anos de idade



Fonte: Revista de História da Biblioteca Nacional, 1855²

Doratioto (2002, p. 24) descreve a vida de Elisa Lynch em Paris, durante os anos que se seguiram ao seu divórcio, como a de uma cortesã de luxo, destacando seu envolvimento com a elite parisiense. Após o rompimento com Xavier de Quatrefages, Elisa permaneceu na capital francesa, onde construiu uma imagem sofisticada e refinada, aproveitando suas conexões sociais, vivendo em um ambiente que valorizava o glamour.

O relacionamento entre Elisa Lynch e Francisco Solano López começou em 1854, em Paris, quando López, então herdeiro do poder no Paraguai, realizava uma viagem diplomática pela Europa. Elisa, que na época não passava de uma moça de origem irlandesa e divorciada de um oficial francês, encontrou em López uma nova oportunidade de vida e um vínculo que a levaria ao centro de um dos capítulos mais intensos da história latino-americana (Fanning, Lillis, Paro, 2019). Foi amor à primeira vista, como sugerem muitas novelas e biografias dos dois. *Una amazona* (orig. 1956/ed. 2003), de William E. Barret, é um dos exemplos que romantizam o encontro como o início de uma história marcada por paixão e destino. Como contraponto, há aqueles que acreditam que Elisa viu em Solano uma chance única de ascender

2 Revista de História da Biblioteca Nacional, Ed. 54, Orig. 1855/Ed. 2010 Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Eliza_lynch_1855.jpg#/media/File:Eliza_lynch_1855.jpg. Acesso em: 11 de set de 2024.

socialmente. Novelas não são fontes seguras para escrever sobre a história, assim sabemos apenas que a relação com López não apenas transformou a vida de Elisa, mas também a inseriu em um contexto político e militar que mudaria o rumo de sua existência e a tornaria uma figura central na história paraguaia.

Em 1855, após seu encontro em Paris no ano anterior, ela estabeleceu-se como sua companheira e futura primeira-dama não oficial do Paraguai. Mas é aqui que chegamos na ambiguidade envolta à sua figura. Elisa nunca escondeu ser uma mulher vaidosa e bonita aos padrões da época, que gostava de festas e mantinha um estilo de vida luxuoso. Isso custaria sua fama ao chegar ao país de seu enlace, pois, de acordo com Frota (2014, p. 87), intrigas e conspirações de seus inimigos se tornaram uma rotina, visto que ela rompia com os padrões limitantes da época, que restringiam as mulheres ao papel de cuidadoras domésticas.

Em 1855, após seu encontro em Paris no ano anterior, ela estabeleceu-se como sua companheira e futura primeira-dama não oficial do Paraguai, mas é aqui que chegamos na ambiguidade envolta à sua figura. Elisa nunca escondeu ser uma mulher vaidosa e bonita aos padrões da época, que gostava de festas e mantinha um estilo de vida luxuoso. Isso custaria sua fama ao chegar ao país de seu enlace, pois, de acordo com Frota (2014, p. 87), intrigas e conspirações de seus inimigos se tornaram uma rotina, visto que ela rompia com os padrões limitantes da época, que restringiam as mulheres ao papel de cuidadoras domésticas.

Foi assim desde o choque da sua presença ruiva e elegante ao chegar a Assunção despertando invejas, rivalidades e paixões. Sua memória, profundamente manchada pelo julgamento social machista da época, pelo despeito a sua condição de preferida por Francisco, dentro das imensas opções que tinha para escolha de uma primeira futura primeira dama para o Paraguai, chega até nós, sublinhada pelo crivo dos seus detratores, em detestáveis distorções, assim desfocada e desfavorecida (FROTA, 2014 p. 87-88)

A percepção de Elisa Lynch variava significativamente entre a burguesia e o povo paraguaio, refletindo as divisões sociais e culturais da época. Para a elite burguesa, especialmente aqueles mais próximos ao poder, Elisa era vista como uma figura mal vista, especialmente por seu passado de cortesã em Paris, também porque acreditavam que seria melhor para Solano casar com uma mulher paraguaia em vez de uma estrangeira (Frota, 2014). Enquanto a elite a rejeitava, acusando-a de influência negativa e atitudes moralmente duvidosas, Lynch mantinha uma relação decente com o povo, em especial uma classe de mulheres denominadas como *kyguá verá*, frequentemente associadas a um estilo de vida independente, vivendo do comércio ou da prostituição. Detinham uma relação de apoio e

lealdade a Elisa, foram suas aliadas em oposição à elite assuncenha e a ajudavam a manter uma boa imagem entre o povo paraguaio (Silva, 2019).

Após sua chegada ao país latinoamericano, teve sete filhos com Francisco Solano López, dois quais apenas quatro chegaram a vida adulta, sua relação com eles demonstrava cuidado e proteção, mesmo em momentos de extrema adversidade. Durante a Guerra do Paraguai, Elisa levou seus filhos para o campo de batalha, protegendo-os como pôde enquanto permanecia ao lado de López (Doratioto, 2002).

Frota (2014, p. 93-94) trás Elisa Lynch com um papel significativo na transformação cultural e nos costumes do Paraguai, especialmente em Assunção. Bela e refinada, ela trouxe consigo as tendências europeias, influenciando desde a moda até a gastronomia local. Introduziu a polca como nova expressão musical e popularizou cardápios franceses, além de aprimorar a culinária tradicional paraguaia. Foi responsável pela criação dos primeiros teatros privados, estimulando a vida cultural do país. Elisa também deixou sua marca na estética feminina, apresentando novos conceitos em cosméticos e cuidados pessoais que modernizaram os padrões de beleza das mulheres paraguaias. Paralelamente, era conhecida por seu domínio da arte da sociabilidade, que aprendeu em Paris, onde os salões eram centros de influência literária e política. Como anfitriã, usava seu carisma e refinamento para criar espaços de poder e intercâmbio social, refletindo o papel crucial que desempenhou ao lado de Francisco Solano López, tanto na esfera pública quanto privada (Frota, 2014).

Embora circulassem muitos rumores sobre a fidelidade de Elisa Lynch, nada foi definitivamente comprovado, deixando essas acusações no campo das especulações e fofocas. Em contraponto, temos muitos registros de sua lealdade. Frota (2014, p. 94) comenta que Solano López confiava profundamente em Lynch, a ponto de torná-la sua confidente em assuntos pessoais e, em algumas ocasiões, até em questões políticas de grande relevância envolvendo o conflito que cercava sua nação. Essa proximidade entre eles foi ainda mais evidente nos momentos mais sombrios da Guerra da Tríplice Aliança. Desde acompanhar López nas campanhas até enfrentar os horrores da guerra ao lado do exército, ela demonstrou uma devoção inabalável que transcende o amor romântico.

Elisa Lynch acompanhou as tropas paraguaias vestindo uniforme de coronel do exército, exercendo as funções de enfermeira-chefe, mas também revisando a construção de trincheiras e supervisionando o abastecimento dos soldados. Chegou a residir, muitas vezes, com os filhos nos acampamentos do exército paraguaio, a fim de não abandonar o seu companheiro nas duras fainas da guerra. Organizou um núcleo inicial de informação do qual se poderia dizer que foi o início do serviço secreto paraguaio, constituído por indígenas fiéis, infiltrados no exército e nas fileiras inimigas. (FROTA, 2014 p. 95)

Elisa estava presente no dia da morte de seu marido e de seu filho mais velho, Juan Francisco. Foi em Cero Corá que, tirada a vida de Solano López, a guerra chegaria ao fim. Foi em 1º de março de 1870 que Elisa Lynch perdeu tudo o que havia conquistado desde sua mudança de continente, além de enfrentar a dor de sepultar seu primogênito e seu companheiro. Doratioto (2002, p. 453) comenta que “Ambos os López, pai e filho, foram enterrados em uma sepultura que, por ser rasa, foi reaberta a pedido de Elisa Lynch, e, após ser mais escavada, os dois corpos foram colocados juntos, um ao lado do outro.”.

Figura 2 - Elisa Alicia Lynch e Francisco Solano López representados no museu municipal de Humaitá- Paraguai



Fonte: Arquivo do projeto “Materialidades do Conflito e do Pós-conflito na Guerra do Paraguai”, 2023

Após a devastação da Guerra do Paraguai, Elisa Lynch enfrentou um destino marcado por perdas e ostracismo. Aos 36 anos, viúva de Francisco Solano López e tendo perdido seu primogênito na Batalha de Cerro Corá, ela foi capturada pelas forças vitoriosas e obrigada a abandonar o Paraguai. Retornou à Europa com seus três filhos sobreviventes, em uma

situação de pobreza e isolamento, sofrendo com a rejeição social devido à sua ligação com o líder derrotado e à controversa imagem construída ao longo dos anos. Na Inglaterra, tentou reivindicar parte dos bens que acreditava ser de direito, incluindo terras no Paraguai e na região de Mato-Grosso, mas seus esforços foram, em grande parte, infrutíferos (Doratioto, 2002; Frota, 2014).

Embora Elisa tenha sido obrigada a deixar o Paraguai, a possibilidade de retomar a posse das propriedades confiscadas pelo Estado não saiu de seus horizontes. Ainda que Elisa Lynch por Orion circulasse nos países platinos, que ela figurasse como uma cortesã manipuladora na imprensa e que o governo liberal paraguaio rechaçasse veementemente o legado da Primeira República (1811-1870), ela nutria a crença de que poderia recuperar as propriedades embargadas. Há uma série de elementos que comprovam que a irlandesa tinha uma preocupação muito grande em relação ao seu bem-estar financeiro: a querela judicial com William Stewart em Edimburgo, o contrato estabelecido com a mãe do Marechal López, a tentativa de retornar a Assunção em 1875 e, por fim, a transferência da documentação referente às terras reivindicadas ao seu filho Enrique Solano López em 1885 (SILVA, 2019 p.60).

Elisa viveu seus últimos anos na obscuridade, sustentando-se como pôde, até sua morte em 27 de julho de 1886, aos 52 anos, em Paris. Sua morte marcou o encerramento de uma vida de intensas polarizações, entre admiração e condenação. Embora Elisa Lynch tenha sido amplamente comentada e notada por diversos autores contemporâneos durante a segunda metade do século XIX, os estudos acadêmicos dedicados exclusivamente à sua figura são relativamente escassos, ainda mais inexistentes são os estudos de seu patrimônio. Elisa era uma mulher de muita vaidade e com altos padrões para suas posses, deixando para trás, no Paraguai, de casas de bailes que são preservadas até hoje, até alguns de seus vestidos de baile. Gonçalves (1988, p. 267) cita que "Assim, do mesmo modo que uma pessoa pode ter sua identidade definida pela posse de determinados bens, a nação define-se a partir da posse de seus bens culturais." Assim, analisando o patrimônio de uma mulher tão marcante para seu tempo, podemos entender mais sobre a sociedade em que vivia e até as relações de gênero que a envolviam.

2.2 PATRIMÔNIOS E MEMÓRIAS DE MADAME LYNCH

Os patrimônios históricos associados a Elisa Lynch no Paraguai refletem a personalidade de sua figura controversa. Embora não tenha sido oficialmente dona de nenhuma de suas casas no Paraguai, muitas delas estão intrinsecamente ligadas a sua imagem, além da preservação de outros bens materiais que a pertenciam, como alguns de seus vestidos

e pertences pessoais, que, por mais que gênero seja uma construção social, são objetos indubitavelmente relacionados ao feminino. Gaimster e Majewski (2009, p. 328-329) comentam que a observação de características de gênero ao analisar um patrimônio pode nos ajudar a compreender muitas características atribuídas a esta materialidade, como a qualidade e custo de bens materiais podem indicar conflitos em torno de identidades de consumo. Assim, ao analisarmos os bens de Madame Lynch, estaremos preparados a ver muitas dos pertences comuns de uma dama de alta sociedade no século XIX.

2.2.1 Casona Madame Lynch

Começando essa exploração por seus patrimônios, por aquele que talvez seja o patrimônio mais conhecido e relacionado a Elisa, seu casarão de bailes no centro de Assunção, que leva seu nome, “*Casona Madame Lynch*”, construída especialmente para ela e lhe dado de presente por seu marido. O casarão detém dimensões magnânimas, ocupando uma quadra inteira do centro da cidade, localizada entre as esquina das ruas Mariscal Estigarribia e Yegros.

O terreno onde foi construída a casa possui uma história anterior à chegada de Madame Lynch ao Paraguai. Em 1809, foi a residência do último bispo colonial espanhol, Francisco Pedro Benito García de Panés. Após sua morte, a propriedade passou para as mãos do Estado paraguaio, que a leilou em 1853. Posteriormente, o então presidente e futuro marechal Francisco Solano López adquiriu o local (Vera, 2019). A imprensa relata que, em 1855, coincidentemente com a chegada de Elisa Lynch ao Paraguai, López encarregou o engenheiro austro-húngaro Francisco Wisner Von Morgenstern de projetar e construir a nova residência, concluída em 1863 (Asqui, 2020, p. 134-135).

Durante seu breve período de esplendor, a casa se tornou um importante centro cultural e social em Assunção, comandado pela primeira-dama Elisa Lynch. Segundo Prado (2016, p. 91), um dos momentos marcantes foi a chegada do primeiro piano da marca Blondel ao Paraguai, adquirido para a sala de música da casa. Madame Lynch popularizou as tertúlias entre seus amigos e, caso identificasse algum talento emergente, assumia pessoalmente o financiamento de sua educação musical. Prado reitera este evento memorável que ocorreu em 24 de julho de 1860, durante o aniversário do Marechal Solano López, na *casona* de Madame Lynch. Como presente de aniversário, foi entoado pela primeira vez o *Hino Nacional Paraguayo*. No salão, o músico francês Francisco Dupuis, autor da melodia do hino, executou

a peça no piano, enquanto o Comandante Barrios e o farmacêutico Parodi realizaram a interpretação vocal.

Com o início da Guerra da Tríplice Aliança, em 1865, o destino da casa de Madame Lynch mudou drasticamente. Em 1866, ela deixou Assunção para acompanhar Solano López e seus filhos no front de batalha, permanecendo ao lado dele até sua morte em 1º de março de 1870 (Doratioto, 2002; Frota, 2014). Durante sua ausência, a casa, com seus valiosos bens, incluindo móveis europeus, candelabros de prata, joias, louças de porcelana de Limoges e uma tiara de ouro com diamantes trazida de Paris, foi saqueada pelas tropas aliadas quando estas entraram em Assunção, em 1º de janeiro de 1869. Nos últimos dias da guerra, o imóvel foi transformado em hospital pelas forças invasoras, sendo utilizado para a recuperação dos soldados brasileiros feridos (Vera, 2009).

Hoje, o local histórico da casa está onde atualmente funciona a Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nacional de Assunção. O prédio pertence ao governo paraguaio e se encontra na lista de patrimônios culturais a serem preservados pelo Estado paraguaio e pela Comuna Capitalina.

Figura 3 - Casona Madame Lynch



Fonte: Arquivo do projeto “Materialidades do Conflito e do Pós-conflito na Guerra do Paraguai”, 2022

2.2.2 Acervo Museu Militar del Ministerio da Defensa Nacional

Localizado no saguão de entrada do Ministério da Defesa em Assunção, o Museu Militar do Ministério da Defesa Nacional ocupa um espaço dedicado à preservação e exposição de importantes aspectos da história militar do Paraguai, contendo, em seu acervo, peças de uso e ligação de Elisa Lynch. Apesar da exposição não ser tão numerosa, ainda podemos retirar dela muitos objetos pessoais de valor para seu uso em vida.

Os quadros são, talvez, os objetos mais marcantes da exposição, com um total de três obras que representam Elisa Lynch. O primeiro, representado abaixo (figura 4A), leva a assinatura de Gil Coimbra, artista boliviano nascido quase 30 anos depois da morte de Lynch. Não se encontrou nenhum tipo de registro de sua arte, além de sua assinatura seguida pelo número 61, sendo a hipótese mais provável a de que seja o ano da pintura, 1961. Na imagem, temos a representação de uma Elisa jovem, de no máximo 30 anos. Na figura 4B, temos um retrato assinado por Esti Adelaida, pintora cujo nome não gerou nenhuma informação nos meios de pesquisa utilizados. É um retrato de rosto que representa uma versão de Elisa já mais velha; curiosamente, ela leva em seu pescoço um camafeu com a imagem de Solano López..

Por fim, temos a figura 4C. Nela, temos um retrato que evoca Lynch no que seria um dos momentos mais frágeis de sua vida. A obra representa, simbolicamente, o momento do funeral de López e de seu filho, conduzido por Elisa, que cava a cova ela mesma, e sua dama de companhia, Isadora. A etiqueta do museu, posicionada à frente da assinatura, impede a identificação do autor da obra. Mesmo após uma pesquisa em bancos de imagens, não foi encontrado nenhum outro registro ou arquivo relacionado a essa pintura.

Figura 4 - Quadros de Elisa Lynch no Museu Militar do Ministério da Defesa Nacional



(A)



(B)



(C)

Fonte: Arquivo do projeto “Materialidades do Conflito e do Pós-conflito na Guerra do Paraguai”, 2022

O arquivo de Elisa Lynch no Museu Militar do Ministério da Defesa Nacional se estende até seu vestuário, tendo algumas de suas peças de roupa. De acordo com Frota (2014, p. 94-95), ela foi a responsável por introduzir tendências europeias e promover o refinamento estético entre as elites paraguaias. Tornou-se referência ao importar artigos finos ingleses e

franceses, como tecidos, roupas e acessórios, firmando-se como uma verdadeira “rainha da moda”.

Ela não apenas influenciou o vestuário, mas também a forma como as mulheres paraguaias cuidavam de si, ao introduzir novos conceitos de beleza com cremes e cosméticos. Sob sua influência, a elegância europeia tornou-se símbolo de status, e Assunção viu sua cultura de moda mudar, ganhando sofisticação e alinhando-se às tendências internacionais da época. As peças expostas no museu variam desde trajes de baile até vestimentas do dia a dia. No entanto, devido à exposição prolongada à luz e à antiguidade dos tecidos, muitas estão desbotadas, o que faz com que as cores atuais diferenciem-se significativamente de suas tonalidades originais.

Figura 5 - Vestuário de Elisa Lynch no Museu Militar do Ministério da Defesa Nacional



Fonte: Arquivo do projeto “Materialidades do Conflito e do Pós-conflito na Guerra do Paraguai”, 2022

Assim como muitas de suas roupas eram importadas, o mesmo pode se dizer de seus itens domésticos. O museu detém em seu acervo duas cristaleiras cheias de peças, incluindo talheres, bandejas, louças, utensílios de mesa e objetos decorativos de origem europeia, muitos deles feitos de prata e finamente trabalhados, destacando a influência inglesa e francesa em seu gosto pessoal. Esses itens não apenas serviam a funções práticas, mas também demonstravam status, refletindo seu estilo de vida sofisticado.

Figura 6 - Acervo de Prataria e itens domésticos de de Elisa Lynch no Museu Militar do Ministério da Defesa Nacional.



Fonte: Arquivo do projeto “Materialidades do Conflito e do Pós-conflito na Guerra do Paraguai”, 2022

2.2.3 Túmulo de Madame Lynch no cemitério La Recoleta

Elisa Lynch faleceu em Paris, sendo inicialmente enterrada no cemitério Père Lachaise. Em 1961, seus restos mortais foram repatriados ao Paraguai por ordem do presidente Alfredo Stroessner, depositados em uma urna de bronze no mausoléu imponente construído em sua homenagem, no cemitério de La Recoleta, projetado pelo renomado artista Hermann Guggiari Brun. A intenção original do governo era colocá-los no Panteão Nacional dos Heróis.

Segundo Silva (2020, p. 206-207), o governo de Alfredo Stroessner utilizava diversas políticas populares para controlar a população e evitar questionamentos ao regime ditatorial. Entre essas medidas estava a criação de uma sensação de direitos, como a concessão do voto feminino em 1961, ainda que as eleições fossem meramente figurativas. Essa iniciativa buscava conter possíveis manifestações e manter a parte feminina da população sob controle. Paralelamente, Stroessner, conhecido por criar figuras heróicas para reforçar a história nacional, decidiu resgatar a memória de uma figura feminina de destaque. A escolha recaiu sobre Elisa Alicia Lynch, associada à Guerra da Tríplice Aliança e à figura heroica de Francisco Solano López. Inspirando-se nas *residentas*, mulheres exaltadas no discurso

stronista por sua abnegação, Elisa foi celebrada por sua devoção a López e ao Paraguai, enquanto sua atuação pública foi amplamente silenciada. Assim, tornou-se uma heroína nacional, com sua participação na guerra reinterpretada de forma favorável e alinhada ao discurso nacionalista e aos papéis de gênero tradicionais.

O silenciamento da atuação pública de Lynch apareceu também em outras iniciativas de Stroessner, como por exemplo na decisão de transladar as suas cinzas, para o Paraguai. Na sepultura dela, foi construída uma estátua, na qual a personagem é representada de forma contida, em frente aos túmulos de López e Panchito — seu filho primogênito que morreu junto ao pai. Em sua lápide, foi inscrito o seguinte texto: “Homenagem do povo, governo e forças armadas da nação, à Elisa Alicia Lynch, que com abnegação acompanhou ao herói máximo da pátria, o Marechal Francisco Solano López até a sua morte em Cerro Corá.” (SILVA, 2020 p. 211)

Figura 7 - Túmulo de Elisa Lynch no cemitério La Recoleta



Fonte: La Fuente, 1970 ³

2.2.4 Jardins de Madame Lynch

3 LA FUENTE, Helen Gómez de; *Piden que restos de Madame Lynch vayan al Panteón de los Héroes*. In. Extra Press. Assunção, 2020. Disponível em: <https://www.extra.com.py/edicion-impresa/piden-que-restos-madame-lynch-vayan-al-panteon-los-heroes-n2912010>. Acesso em: 24 de out de 2024.

O Jardim de Madame Lynch, situado a cerca de mil metros do Museu de Humaitá, um dia foi uma das casas associadas à figura de Elisa Lynch, companheira de Francisco Solano López. Durante suas temporadas em Humaitá, Elisa utilizava o local como abrigo, o que confere aos jardins um vínculo direto com sua vida cotidiana nos tempos da Guerra do Paraguai. Contudo, a erosão provocada pela subida do Rio Paraguai ameaça continuamente a preservação desse espaço, cujas margens vêm sendo consumidas pelo rio.

O jardim possui vestígios arqueológicos que oferecem uma base promissora e inexplorada para pesquisas sobre a vida de Lynch. Grande parte desses objetos foi coletada pela historiadora Vicenta Miranda, proprietária das terras onde o jardim está localizado. Vicenta, além de professora e historiadora municipal, mantém o Museu Particular Dom Maximino, próximo às ruínas de Humaitá, no quintal de sua própria casa. O segundo capítulo desta pesquisa será dedicado à análise detalhada do acervo resgatado por Vicenta Miranda, com foco em como esses objetos preservados podem oferecer novas perspectivas sobre o papel das mulheres no conflito e sobre a relevância de Elisa Lynch nesse contexto histórico.

Figura 8 - Jardins de Madame Lynch atualmente



Fonte: Arquivo do projeto “Materialidades do Conflito e do Pós-conflito na Guerra do Paraguai”, 2022

Figura 9 - Arquivo resgatado do Jardim de Madame Lynch



Fonte: Arquivo do projeto “Materialidades do Conflito e do Pós-conflito na Guerra do Paraguai”, 2022

3 GÊNERO, PATRIMÔNIO E MATERIALIDADE FEMININA: O CASO DE ELISA LYNCH (1833-1886)

A análise dos vestígios associados à figura de Madame Elisa Lynch exige uma fundamentação teórica que permita compreender a complexidade das relações entre patrimônio, gênero e materialidade. Este capítulo se dedica a construir um eixo teórico que servirá de base para a análise posterior dos vestígios provenientes do jardim de Madame Lynch. Ao articular os estudos arqueológicos sobre cultura material e as abordagens feministas e de gênero, busca-se compreender como os objetos do cotidiano, louças e utensílios domésticos, podem ser lidos como expressões de identidade, poder e pertencimento social.

O conceito de objetos domésticos, móveis ou fixos, pode ser compreendido como elementos que expressam o valor social de uma residência. Esses objetos transmitem mensagens sobre a posição social de seus proprietários (Symanski, 1998). Enquanto louças simples são associadas à utilidade prática, porcelanas e faianças finas mais elaboradas indicam a intenção de demonstrar status e recursos econômicos. Nesse contexto, a materialidade assume um papel ativo: ela não apenas atende a necessidades funcionais, mas também reforça o poder econômico, as relações sociais e a posição hierárquica da família na sociedade.

Para além dessa dimensão comunicativa e de distinção social apontada por Symanski (1998 p. 65-125), usaremos a Arqueologia de Gênero, tal como proposta por Furquim e Jácome (2019, p. 112-115), para servir de aparato teórico fundamental a fim de desnaturalizar as identidades e os papéis sociais frequentemente atribuídos a figuras femininas no passado, como a própria Elisa Lynch. Se, por um lado, Symanski demonstra como a cultura material atua na comunicação do status e na estruturação do espaço doméstico, Furquim e Jácome (2019, p. 115) avançam ao argumentar que as teorias de gênero e feministas devem ter o trabalho de “questionar as formas de poder e trabalho presentes na prática arqueológica” e na interpretação histórica. Esta abordagem não se restringe a identificar “o que é feminino” nos vestígios, mas busca compreender como o gênero, este enquanto performance e construção social relacional, era materializado e negociado através de objetos e práticas cotidianas. Dessa forma, os itens de luxo associados a Elisa Lynch, desde as louças refinadas até os frascos de cosméticos, não devem ser lidos apenas como índices passivos de riqueza ou de um gosto feminino estereotipado. Eles se tornam evidências materiais de uma agência ativa, por meio da qual ela pode ter performado uma identidade de elite.

Ao analisarmos a materialidade deixada por Madame Lynch, será possível compreender como seu patrimônio reflete sua trajetória, sua vida pública e política. Os vestígios de suas louças, serão o foco interpretativo desta pesquisa, tornando-se fontes simbólicas para interpretar como as relações de poder e de gênero se materializavam no espaço doméstico. Dessa forma, será possível ampliar a compreensão sobre sua identidade e memória por meio da análise de suas práticas de consumo, comuns entre mulheres da alta classe do século XIX.

Nesse contexto, é fundamental compreender que os objetos não são neutros: eles participam da construção de identidades e da manutenção de papéis sociais. Como apontam Furquim e Jácome (2019 p. 123) “Os estudos de gênero surgem na Arqueologia vinculados a uma tarefa relevante: tornar nossas inferências mais representativas” ou seja, a arqueologia de gênero nos permite ler a cultura material como um campo de disputa simbólica, no qual as representações do feminino são produzidas e, ao mesmo tempo, questionadas. Assim, ao observar as louças de Madame Lynch, não se trata apenas de descrever bens de uso cotidiano, mas de interpretar como esses elementos expressam uma performatividade social, evidenciando como as práticas de consumo e os objetos moldavam e reforçaram as distinções de gênero e status social no século XIX

Compreender o conceito do que seria definido como gênero pode também ser um pouco complexo, sendo uma questão presente na filosofia há muito tempo. O que define uma atividade como feminina ou uma roupa como masculina? Por que existe essa percepção de um mundo separado entre o feminino e o masculino? A filósofa norte-americana Judith Butler (2003, p. 48) conclui que “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída pelas próprias ‘expressões’ tidas como seus resultados.” Ou seja, o gênero seria uma performance atribuída a todos de acordo com padrões previamente estabelecidos pela sociedade, não somos o nosso gênero, mas reproduzimos o que ele representa. O gênero, portanto, opera como uma construção performativa e reiterada, e não como uma essência biológica fixa.

Seguindo o pensamento de Judith Butler, de que o gênero está relacionado ao que se faz e não ao que se é, podemos perceber o quanto ainda estamos condicionados por expressões de gênero previamente determinadas como construções culturais. Scott (1989, p. 21-23) reforça que o estudo de gênero também é uma responsabilidade histórica, uma vez que as relações de poder, a organização social e a própria produção do conhecimento histórico estão intrinsecamente ligadas às construções de identidades de gênero.

A arqueologia ainda hoje é um campo que majoritariamente privilegia narrativas masculinas, de acordo com Ribeiro (2017 p.221-222) seja pela reprodução inconsciente de estereótipos de gênero nas interpretações do passado, seja pela estrutura acadêmica que invisibiliza autorias femininas e desvaloriza temas associados a mulheres, isto é, ocupando muitas vezes uma posição de coadjuvantes em suas próprias histórias, esta situação vem mudando nos últimos anos, mas esta pesquisa é a prova da dificuldade de se encontrar fontes confiáveis que tratem de temas sensíveis aos papéis de gênero na arqueologia que permeia principalmente o gênero feminino.

Como este estudo se debruça sobre um acervo que coexistiu com a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, é necessário uma análise mais minuciosa do patrimônio material de Elisa Lynch, uma vez que, nesse contexto de guerra, o apagamento do gênero feminino torna-se ainda mais evidente, visto que quando se pensa em patrimônio de guerra, é comum associá-lo a espadas, armas de fogo ou projéteis, elementos que remetem a um universo militar da época, predominantemente masculino. Essa associação reflete uma construção histórica que atribui maior relevância às práticas ligadas ao combate e à defesa, enquanto relega o feminino a um papel secundário. Conforme observa Ribeiro (2017, p. 221), a arqueologia tende a valorizar tarefas tradicionalmente associadas aos homens, como a caça e a fabricação de instrumentos, em detrimento das atividades domésticas, geralmente desempenhadas por mulheres. Essa assimetria reforça a naturalização de papéis de gênero hierarquizados e limita a compreensão das múltiplas formas de contribuição feminina na história. Assim, o patrimônio cultural não apenas reflete, mas também reproduz uma perspectiva androcêntrica, que tende a invisibilizar a agência das mulheres e a restringir outras formas de protagonismo social.

Com base nas reflexões de Ribeiro (2017, p. 220-221) sobre a tendência de apagamento das mulheres na construção de narrativas históricas, é importante salientar que esse tipo de omissão não deve ser aplicado à Guerra da Tríplice Aliança contra Paraguai, onde a atuação feminina foi documentada, embora frequentemente negligenciada. Conforme Alcalá (2010, p. 17-19) trata, as *residentas* eram mulheres que acompanhavam as tropas paraguaias, muitas vezes esposas ou amantes de soldados, desempenhando funções na retaguarda, atuando como cozinheiras, enfermeiras, lavadeiras e no transporte de mantimentos. Em fases mais críticas do conflito, como na batalha de Campo Grande, devido à escassez de combatentes, muitas também integraram as fileiras militares, participando diretamente de combates (Doratioto, 2002).

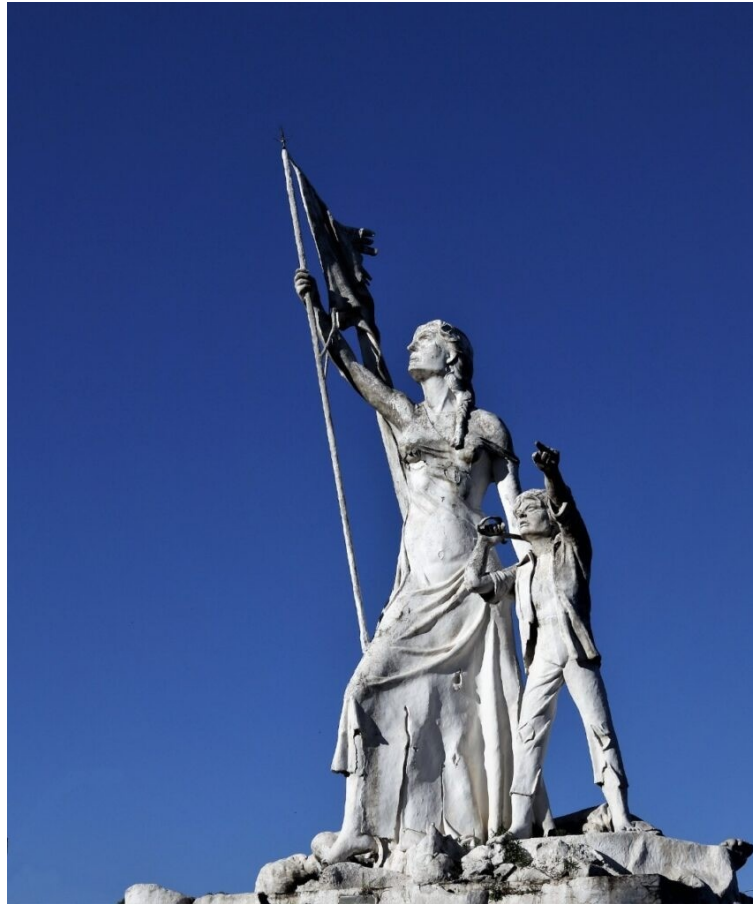
Las mujeres del campamento tenían a su disposición una hilera de ranchos en cada división, y, en Paso Pucú, había dos grandes aldeas de estas casuchas. Tenían sargentas nombradas por ellas mismas, que eran responsables del orden. Las mujeres podían recorrer libremente todo el campamento, excepto en el tiempo de cólera, que no se les permitía separarse de sus divisiones. Al principio no podían permanecer en los cuarteles después de la retreta, pero, hacia el fin de la guerra, esta orden fue abolida. Asistían a los hospitales, y lavaban la ropa de sus esposos. No podían dejar el campamento sin permiso especial firmado por Resquín. No se les repartían raciones, y tenían que vivir con lo que les daban los soldados (ALCALÁ, 2017 p.19)

A participação de mulheres paraguaias na guerra não foi exclusiva à esposa de militares e soldados, a partir de 1866, quando a guerra se tornou um peso maior ao Paraguai, o governo de Solano López passou a promover assembleias populares com o objetivo formal de incentivar a doação de joias pelas mulheres de elite para o esforço de guerra. Contudo, tais iniciativas não eram inteiramente espontâneas, sendo organizadas e dirigidas pelas autoridades, que as apresentavam como manifestações voluntárias de patriotismo, essa narrativa não se mantinha, visto que não passava de uma propaganda de guerra para arrecadar fundos (Doratioto, 2002).

A própria Elisa Lynch teve participação ativa no conflito. Segundo a historiadora Adriana Kivanski de Senna (2000, p. 4-6), que analisou diferentes biografias sobre Lynch, a primeira-dama paraguaia é frequentemente representada como uma figura que, além de acompanhar seu parceiro Francisco Solano López em suas campanhas militares, era vista a cavalo inspecionando as tropas ao seu lado. Foi chamada de “*comandante en jefe de las mujeres*” e “*la señora de los campamentos*” devido à sua presença contínua nos principais campos de batalha, como Humaitá, Paso de la Patria e Paso Pucú. Atuou também como enfermeira e, em várias ocasiões, exerceu funções médicas, auxiliando feridos e organizando o corpo auxiliar feminino responsável por esse trabalho. Teve papel importante na ala médica do exército paraguaio, sendo mencionada como responsável por algumas operações cirúrgicas. Além disso, mantinha vigilância sobre os soldados, advertindo aqueles que demonstravam descuidos com o uniforme ou postura inadequada.

A participação das mulheres paraguaias na Guerra da Tríplice Aliança deixou marcas na memória nacional, marcas estas que foram lembradas durante a construção de seus lugares de memórias. Em reconhecimento a esse papel, foi erguido em 1979, na fronteira entre Assunção e Luque, o Monumento *Làs Residentas*, obra do escultor Francisco Báez Rolón. A escultura retrata uma mulher com uma criança em um braço e uma bandeira no outro, representando a resistência e o papel ativo dessas mulheres no processo de reconstrução social e simbólica do Paraguai no pós-guerra.

Figura 10 - Monumento de Las Residentas



Fonte: Noguera, 2020⁴

Monumentos e esculturas dedicados à memória feminina da guerra exercem um papel importante na preservação simbólica do passado. No entanto, é igualmente necessário voltar o olhar para os objetos de uso cotidiano que atravessaram o tempo e ainda podem ser analisados. É nesse ponto que se insere esta pesquisa, ao compreender que o espaço doméstico e seus vestígios revelam aspectos fundamentais das relações sociais e de gênero da época. O patrimônio material associado a Madame Lynch, nesse sentido, adquire relevância especial, pois durante o período da guerra ela se tornou uma figura central da vida política e social do país, representando, de certo modo, o próprio rosto feminino do Paraguai naquele contexto histórico.

Ao analisar fragmentos de residências e pertences de famílias abastadas, é importante considerar os rituais que marcavam o cotidiano das elites. Práticas como a hora do chá revelam aspectos importantes sobre Elisa Lynch e seu comportamento enquanto figura pública

4 Noguera, Omar; *Homenaje a Las Residentas, inaugurado en 1979 en los límites entre Luque y Asunción*. In. Paraguayología, 2020. Disponível em: <https://paraguayologia.com/por-que-se-conmemora-el-dia-de-la-mujer-paraguaya-el-24-de-febrero/>. Acesso em: 17 de set de 2025.

e companheira de Francisco Solano López. Orgulhosa de sua origem europeia, Lynch expressava essa identidade por meio do consumo de objetos refinados e importados. Como observa Frota (2014, p. 19), “o gosto pelos artigos caros e principescos não era assim um assunto de ocasião. Ambos apreciavam o requinte em louças, talheres finos, joias e mobiliário de estilo.” Essa busca por sofisticação material também refletia sua preocupação em desempenhar bem o papel de anfitriã, principalmente para aqueles que eram os interesses políticos de seu companheiro, utilizando os bens de consumo europeus como instrumentos de distinção social e de afirmação simbólica. Nesse sentido, Dourado (2007 p. 3-4) destaca que Lynch mantinha um ambiente de luxo em sua residência em Assunção, cercada por tecidos de seda, rendas e objetos importados, o que reforçava sua imagem de mulher de gostos caros e preocupada com o conforto e aparências, que fazia de sua casa um ponto de encontro para diplomatas e comerciantes estrangeiros.

Nos fragmentos que restaram de sua história como anfitriã, é possível identificar vestígios da memória de Elisa Lynch enquanto uma mulher inserida nos hábitos refinados da elite, que levou consigo da Europa seus costumes e preferências. Seu lar refletia sua personalidade e posição social, tornando-se uma extensão de sua identidade. Como observa Fernanda Tocchetto (2001, p. 7), “para conhecer a história vivenciada, que explica e dá sentido aos acontecimentos marcantes, é preciso encontrar o cotidiano de seus antigos moradores, feito de pequenos gestos, refeições, materiais, e inter-relações sociais.” Assim, os objetos e estruturas associados a Lynch constituem uma via de acesso à compreensão de seu modo de vida, seu papel feminino e suas práticas culturais que ajudaram a moldar sua imagem na sociedade paraguaia do século XIX.

Uma das principais vantagens das pesquisas arqueológicas em unidades residenciais e em seu entorno é a possibilidade de relacionar aos seus ocupantes, que controlaram o espaço do pátio e os artefatos nele depositados, o material exumado. A análise arqueológica desses artefatos, como lembra Spencer-Wood (1987:02), recupera o comportamento combinado de aquisição e deposição de todos os residentes do domicílio e, possivelmente, o comportamento de alguns visitantes (SYMANSKI, 1998 p.16)

O acervo analisado nesta pesquisa é composto por fragmentos de louças provenientes da antiga residência de Madame Lynch, em Humaitá. Esses fragmentos, contudo, não correspondem a utensílios domésticos comuns, mas a peças de faiança fina, um tipo de cerâmica produzida na Inglaterra durante a Revolução Industrial e amplamente difundida no século XIX. A faiança fina destacou-se por sua qualidade e acabamento decorativo, sendo frequente a presença de estampas com paisagens inglesas e motivos europeus, o que retoma a

influência cultural e estética européia citada anteriormente que teria sido importada por Lynch para o Paraguai em seus anos como primeira-dama (Tocchetto, 2001).

Figura 11 - Vestígios dos Jardins de Madame Lynch em Humaitá



Arquivo do projeto “Materialidades do Conflito e do Pós-conflito na Guerra do Paraguai”, 2025

Apesar de o acervo em análise ser amplo e não se restringir às louças, sejam elas de faiança fina ou de cerâmica, estes objetos serão os principais elementos do nosso estudo. Através deles é possível obter uma leitura mais aprofundada, que servirá de orientação para o nosso objetivo. As louças, ou aparelhos de jantar, refletem os hábitos de consumo de Madame Lynch e, por serem mais facilmente rastreáveis e visualmente representativos, permitem extrair informações sobre o seu padrão de vida e posição social (Tocchetto, 2001).

Um pressuposto básico é que o poder de compra do indivíduo estará refletido na qualidade do material encontrado no registro arqueológico. Também nesta via de análise as louças desempenham um papel fundamental sendo consideradas como os mais sensíveis indicadores de status econômicos dos ocupantes do sítio, posto que outros objetos que exercem funções sócio-técnicas —como objetos feitos de metais

preciosos e jóias— raramente se encontrados em sítios históricos (TOCCHETTO, 2001 p. 143).

É importante lembrar que os terrenos de Madame em Humaitá, conhecidos como os Jardins de Madame Lynch, constituíam apenas uma de suas propriedades. Como a própria Elisa Lynch recorda em sua carta pública “*Exposición y protesta de Elisa Alicia Lynch*” (1875), publicada, segundo Silva (2015, p. 2), em um momento de indignação após tentar retornar ao Paraguai para retomar a posse de suas terras e ser novamente expulsa, o texto teve como objetivo desmentir os rumores sobre sua pessoa e reivindicar a devolução de seus bens. Na carta, Lynch afirma ter sido proprietária de cerca de quarenta imóveis distribuídos pelo território paraguaio, muitos deles recebidos como presente de Solano López.

Assim, é possível concluir que a análise recai sobre um fragmento dos pertences associado a Madame Lynch, considerando que o Jardim de Madame Lynch não correspondiam à sua residência principal. No entanto, ela fazia uso desse espaço, sobretudo durante o período em que Paraguai esteve em guerra, quando acompanhava Francisco Solano López em suas campanhas. Como observa Silva (2015, p. 1), “Durante os anos nos quais a Guerra da Tríplice Aliança perdurou, Elisa Lynch teve uma participação ativa na guerra, principalmente pelo fato de ter acompanhado o marechal López até a sua morte em Cerro Corá”.

Dessa forma, ao considerar que o ambiente foi utilizado principalmente nos períodos em que o Paraguai se encontrava em conflito ativo, é possível compreender como os espaços domésticos e de lazer coexistiam com as dinâmicas do campo político e militar, um bom exemplo dessa relação pode ser observado nos chamados “presentes de guerra” recebidos por Elisa Lynch. Segundo Doratioto (2002 p.134-135), durante a invasão paraguaia à província argentina de Corrientes, ocorreram diversos saques e o transporte de mercadorias e bebidas para Humaitá, onde se concentrava o quartel-general de Solano López, também local onde se localizava os jardins de Madame Lynch. Parte desses bens saqueados foi entregue ao marechal e oferecida a Lynch, incluindo um piano proveniente de uma residência correntina. Deste modo esses locais, tradicionalmente associados à intimidade e à vida privada, tornaram-se também cenários de decisões estratégicas, circulação de informações e manutenção de vínculos de poder (DOURADO, 2007). No caso de Elisa Lynch, essa sobreposição entre o doméstico e o político evidencia não apenas sua proximidade com a esfera de comando de Solano López, mas também o modo como a presença feminina podia se inscrever em

contextos de guerra, articulando práticas de cuidado, representação e resistência em meio ao conflito.

Portanto, cada fragmento analisado nesta pesquisa tem valor histórico, pois está ligado ao espaço doméstico e ao modo de vida das pessoas que o habitaram. A análise segue a perspectiva da arqueologia histórica, com base na abordagem da arqueologia processual, que busca identificar padrões de comportamento humano a partir dos vestígios materiais deixados pelas sociedades (Tocchetto, 2001). De acordo com Symanski (1998, p.20-21), em contextos de sociedades industrializadas ou em processo de industrialização, é essencial observar os comportamentos de consumo e compreender o que eles revelam sobre as relações sociais, econômicas e culturais.

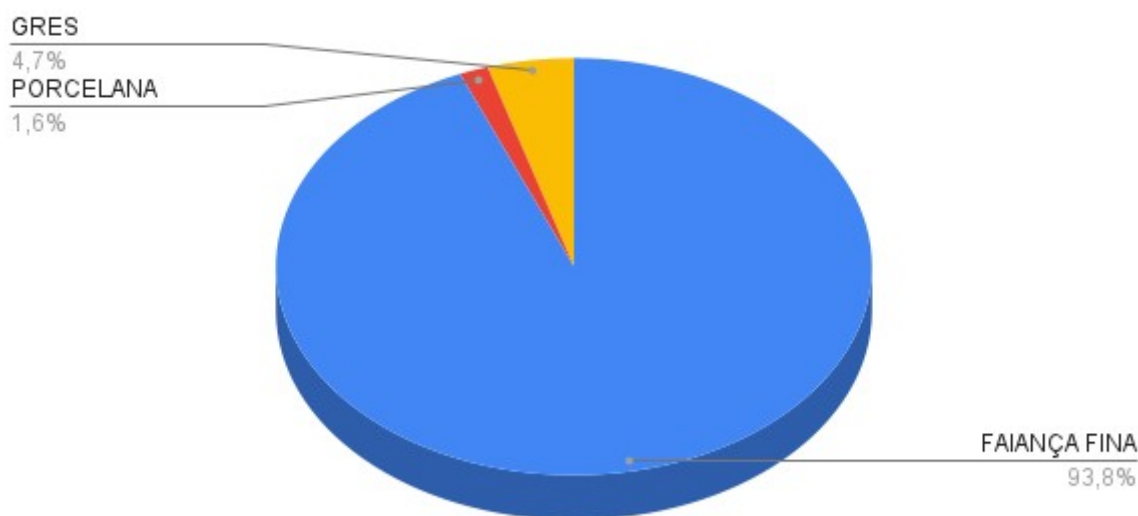
A metodologia adotada para a análise dos vestígios de faiança fina baseia-se no estudo desenvolvido por Tocchetto (2001, p. 21–43) em *A faiança fina em Porto Alegre: vestígios arqueológicos de uma cidade*. Assim, segue-se como referência a lista de elementos proposta pela autora, bem como os atributos por ela selecionados para a caracterização e classificação das peças. Dessa forma, a classificação e catalogação dos fragmentos obedeceram a critérios específicos de análise. Cada peça recebeu um número de série composto pelas iniciais MDM (Museu Don Maximino), acompanhadas do respectivo número de catalogação.

As louças serão classificadas primeiramente segundo a parte da peça que o fragmento representa. Para isso, serão considerados quatro critérios: a borda, a carena (parte inclinada da peça antes da borda), o bojo (correspondente ao corpo da peça), e a base. Quando possível, será igualmente observado o tipo de peça representado pelo fragmento, podendo tratar-se de partes que algum dia fora objetos como pratos, pires, xícaras, malgas e demais peças pertencentes a conjuntos de utensílios domésticos.

Em seguida, procede-se à análise do esmalte. Tocchetto (2001, p. 22–23) explica que o esmalte se refere ao acabamento da peça, funcionando como um indicador de seu valor. Os esmaltes podem ser *Whiteware*, caracterizado por um branco extremamente puro, resultado de avanços tecnológicos que permitiram maior qualidade a baixo custo, sendo amplamente produzido a partir de 1820; *Pearlware*, com acabamento perolado e tonalidade levemente azulada, especialmente perceptível nas bordas e bases; e *Creamware*, de esmalte creme, cuja produção diminui após 1810 com a popularização do *Pearlware*. Importante lembrar que, dependendo da peça, a análise do esmalte pode não apresentar resultados conclusivos. Nesses casos, a avaliação das demais características se torna ainda mais necessária para uma interpretação mais fundamentada.

A análise das cores também será relevante, uma vez que a decoração da peça revela aspectos fundamentais sobre sua origem. Nesse sentido, as cores observadas nas peças, combinado a técnica decorativa e o motivo (elementos que compõem a estética do objeto), auxiliam na compreensão de fatores essenciais para a análise. As cores, conforme destaca Tocchetto (2001, p. 25), são importantes indicadores de cronologia, pois seu uso estava diretamente condicionado aos avanços tecnológicos do século XIX. Quanto às técnicas decorativas, identificam-se diferentes métodos, como o *transfer printing*, a aplicação de banhos e as superfícies modificadas, enquanto os motivos decorativos refletiam aquilo que era comercialmente valorizado à época, funcionando como um espelho das tendências e demandas do mercado, assim seguimos para a análise.

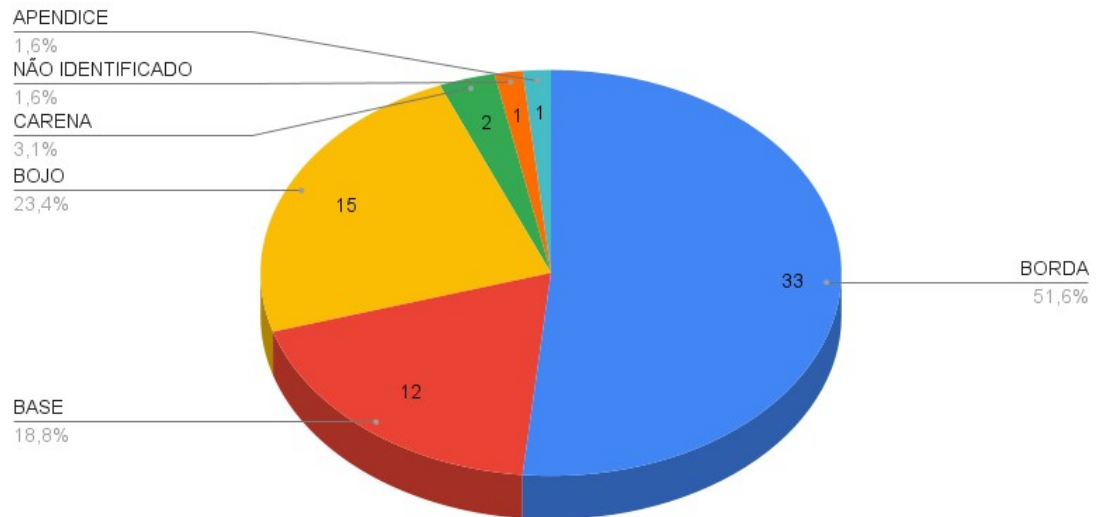
Gráfico 1 - Tipos de fragmentos



Fonte: Dados da pesquisa, 2025

No acervo dos jardins de Madame Lynch, pertencente ao Museu Particular Don Maximino, foram analisados 65 fragmentos de louças. Desses, a grande maioria corresponde à faiança fina, totalizando 93,8% (61 peças), seguida pelo grés (cerâmica mais simples, produzida com argilas de grãos finos) representado por 4,7% (3 peças), além de 1,6% (1 fragmento) de porcelana.

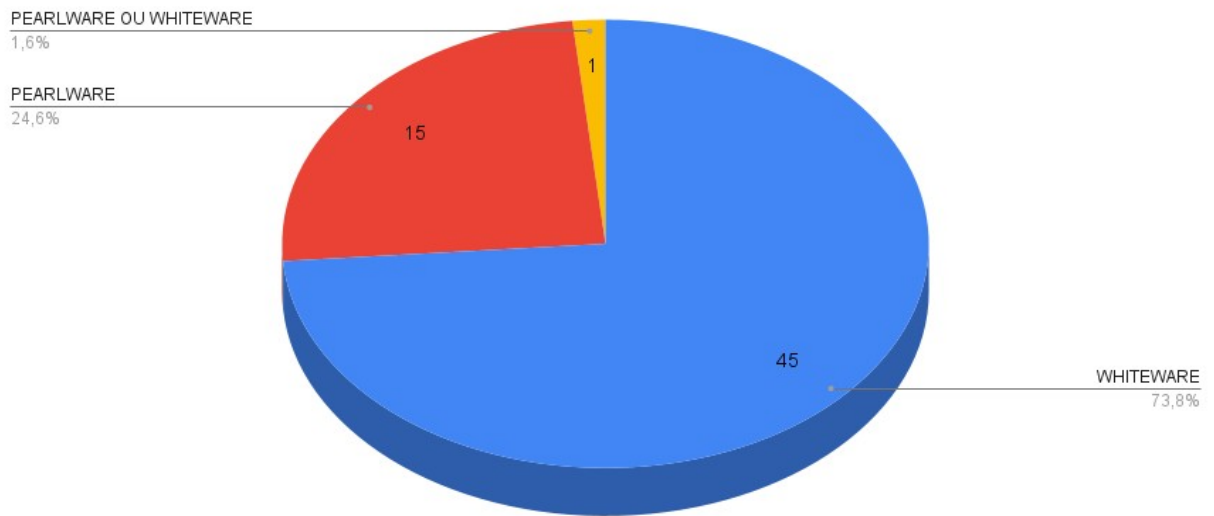
Gráfico 2 - Partes dos fragmentos



Fonte: Dados da pesquisa, 2025

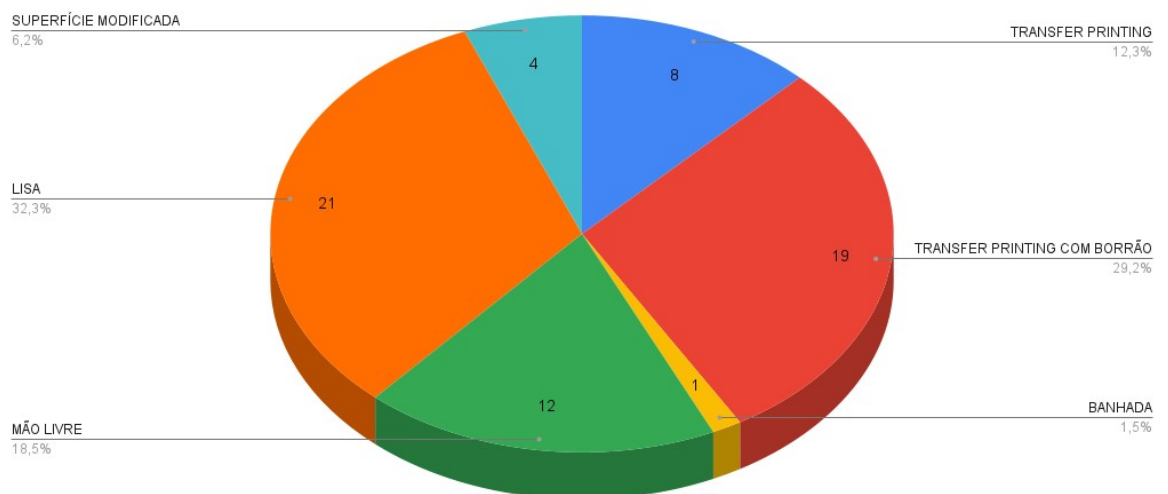
Pela análise, destacou-se um grande número de fragmentos de borda, correspondendo a 51,6% do total (33 fragmentos). Por serem partes de estruturas frágeis, aparecem em maior quantidade em coleções fragmentadas. Em seguida, aparecem os fragmentos de bojo, que representam 23,4% (15 fragmentos). O bojo constitui a área central e mais volumosa das peças, e sua presença indica a incidência de recipientes de maior capacidade, como tigelas, malgas, pratos fundos e travessas. Os fragmentos de base aparecem em 18,8% dos casos (12 fragmentos) e costumam ser superfícies retas e niveladas. Categorias menos frequentes incluem a carena, com 3,1% (2 fragmentos), que indica a existência de peças que marcam a transição entre corpo e base. Fragmentos classificados como apêndice (1,6%, 1 fragmento) estão relacionados a elementos adicionais das peças, como alças de xícaras e bules ou pequenos suportes. Finalmente, outros 1,6% (1 fragmento) correspondem a partes não identificadas, nas quais o nível de fragmentação foi tão grande que não foi possível determinar a área original do objeto.

Gráfico 3 - Esmalte presente nos fragmentos



A análise dos fragmentos revela um predomínio expressivo do *whiteware*, que corresponde a 73,8% do total (45 fragmentos), segundo Tocchetto (2001, p. 24) o *whiteware* foi produzido em massa a partir de 1810 e é popular até hoje devido ao seu baixo custo de produção. O *pearlware* aparece com 24,6% (15 fragmentos), representando peças de possível fabricação um pouco mais antigas, caracterizadas pelo brilho perolado do esmalte. Apenas 1 fragmento (1,6%) foi classificado de forma ambígua como *pearlware* ou *whiteware*, devido ao desgaste da superfície que dificultou a identificação precisa.

Gráfico 4 - Técnica decorativa dos fragmentos



Fonte: Dados da pesquisa, 2025

A diversidade de técnicas decorativas nos apresenta seis estilos diferentes que serão detalhados conforme a caracterização de Tocchetto (2001 p. 25-43) em sua sistematização sobre louças decoradas de contextos arqueológicos sul-americanos. Em destaque temos a predominância da categoria lisa (figura 12), que representa 32,3% dos fragmentos (21 peças), correspondendo a louças sem pintura nem modificação de superfície. Segundo Tocchetto (2001, p. 41), a ausência de decoração não implica ausência de intencionalidade estética, mas caracteriza uma classe de objetos voltados ao uso cotidiano, cujas referências cronológicas dependem mais do tipo de esmalte e pasta do que de motivos ornamentais.

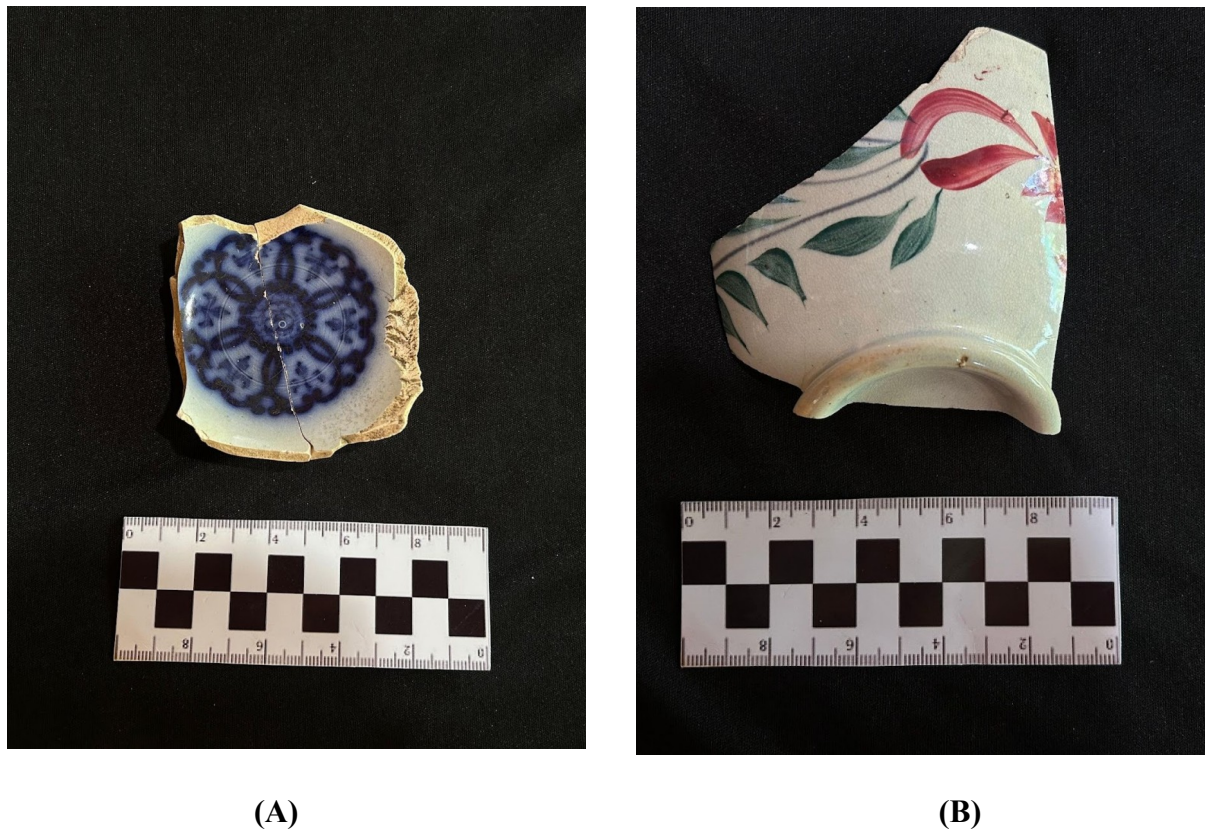
Figura 12- Peça MDM16



Fonte: Arquivo do projeto “Materialidades do Conflito e do Pós-conflito na Guerra do Paraguai”, 2025

A segunda técnica mais frequente é o *transfer printing* com borrão (*flow blue*), representando 29,2% da amostra (19 fragmentos). O azul borrão (figura 13A) é produzido pela volatilização de cloretos durante a queima, causando a difusão do pigmento azul no esmalte e criando efeitos manchados e difusos, como se o tom de azul se impregnasse na superfície da peça. A técnica seguinte em incidência é a pintada à mão livre, com 18,5% dos fragmentos (12 peças), constituindo a terceira categoria mais representativa. Essa técnica abarca diferentes estilos, sendo o *peasant style* (Figura 13B) o mais recorrente no acervo analisado. Trata-se de motivos florais aplicados com pinceladas largas, cobrindo grande parte da superfície das peças (Tocchetto, 2001).

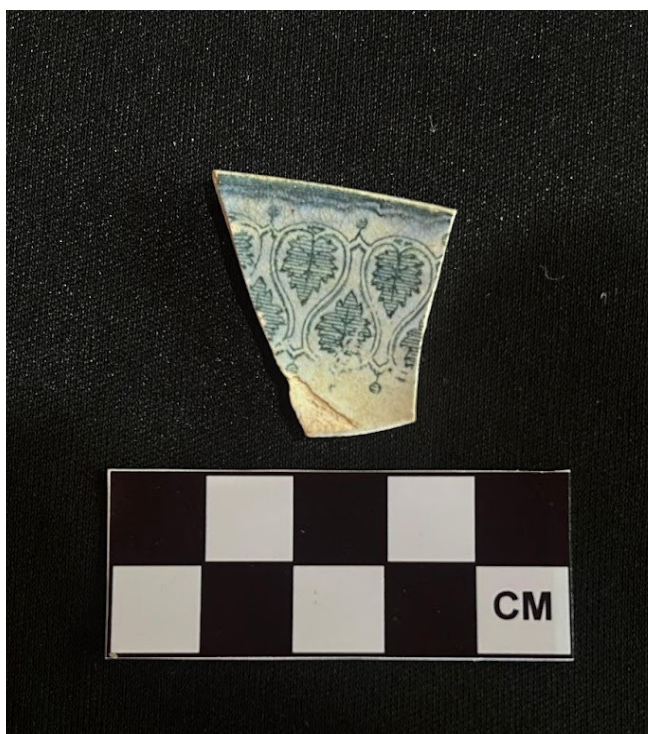
Figura 13- Peças MDM04/MDM05 e MDM20



Fonte: Arquivo do projeto “Materialidades do Conflito e do Pós-conflito na Guerra do Paraguai”, 2025

A quarta técnica mais recorrente é o *transfer printing*, sem borrão (figura 14A), representando 12,3% dos fragmentos (8 peças). Desenvolvida na Inglaterra a partir de 1750, essa técnica se tornou uma alternativa mais acessível à pintura à mão livre por permitir a impressão de cenas e motivos diretamente na louça através de placas de metal gravadas, posteriormente aperfeiçoadas pelo uso de máquinas específicas, possibilitando a padronização e a produção em larga escala. Em seguida, a técnica de superfície modificada (figura 14B) corresponde a 6,2% da amostra (4 fragmentos), caracterizada pela produção de peças moldadas sob pressão, frequentemente combinadas a outras técnicas decorativas, como a pintura à mão livre; entre essas, destaca-se o padrão *Shell Edged* (figura 14C), reconhecido pelas linhas aplicadas na borda, geralmente em azul, que foi amplamente popular no período. Por fim, a técnica banhada (*dipped*) aparece em 1,5% da amostra (1 fragmento), caracterizando-se pela aplicação de faixas ao longo da peça, utilizados principalmente em louças côncavas, como tigelas, destacando-se a variante *blue banded* (Figura 14D), na qual uma larga faixa azul circula a peça (Tocchetto, 2001).

Figura 14- Peças MDM06, MDM36, MDM11/MDM12 e MDM07



(A)



(B)



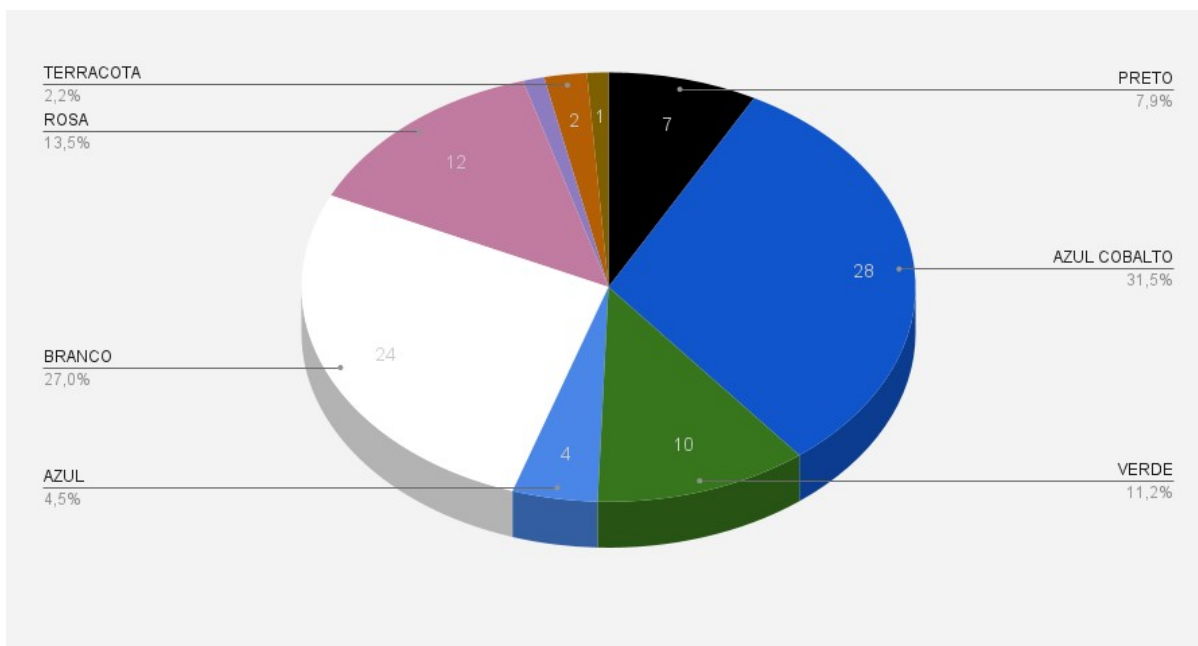
(C)



(D)

Fonte: Arquivo do projeto “Materialidades do Conflito e do Pós-conflito na Guerra do Paraguai”, 2025

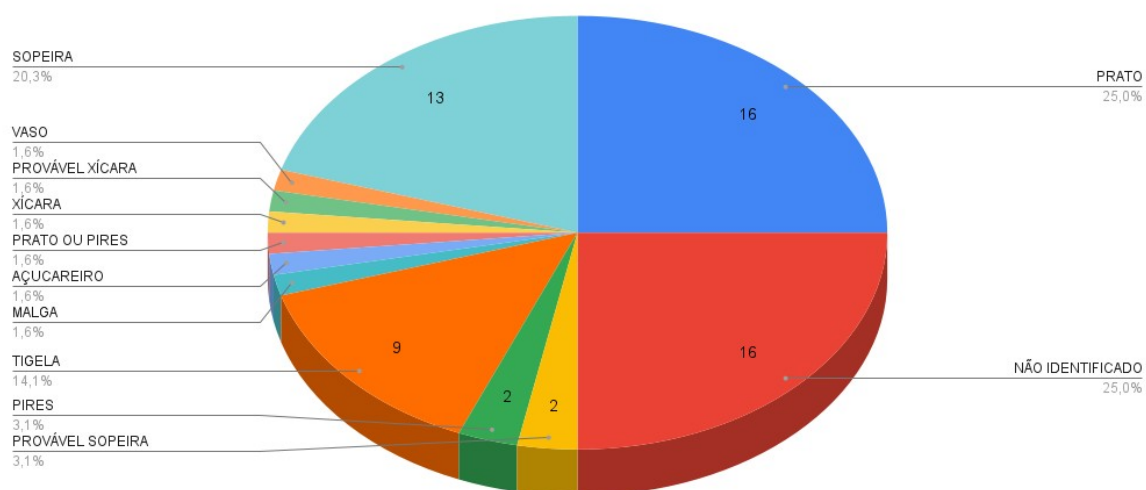
Gráfico 5 - Cor presente nos fragmentos



Fonte: Dados da pesquisa, 2025

A análise dos fragmentos evidencia o predomínio da cor azul-cobalto (figura 13A), presente em 31,5% dos casos (28 fragmentos). Segundo Tocchetto (2001, p. 34-35), foi a cor pioneira no emprego da técnica *transfer print*, sendo a primeira utilizada com sucesso porque o óxido de cobalto era o único pigmento que resistia às altas temperaturas do forno na época. Seu uso massivo tinha uma intenção comercial: competir com a porcelana chinesa azul e branca, extremamente popular e valorizada na Europa. Assim, tornou-se muito comum em louças finas do século XIX. Em seguida aparece o branco (figura 12), com 27% (24 fragmentos), representando exclusivamente peças lisas, sem qualquer tipo de pintura ou decoração aplicada. A cor rosa (figura 13B) corresponde a 13,5% (12 fragmentos), enquanto o verde (figura 14A) aparece em 11,2% (10 fragmentos), ambas muito presentes em peças que utilizam a técnica de pintura a mão livre. O preto (figura 17) surge em 7,9% (7 fragmentos), e o azul em tom não cobalto (figura 14D) contabiliza 4,5% (4 fragmentos). As cores terracota e marrom, que não aparecem na legenda do gráfico, estão representadas por 1 fragmento cada. Além das cores isoladas, várias peças apresentam combinações, como azul, preto e branco; azul, verde e rosa; rosa, violeta e verde; verde, preto e rosa, entre outras.

Gráfico 6 - Forma pertencente ao fragmento



Fonte: Dados da pesquisa, 2025

A distribuição das formas presentes nos fragmentos revela que 25% (16 fragmentos) do material corresponde a peças cuja forma não pôde ser identificada, o que se refere ao alto grau de fragmentação que limita a classificação tipológica, embora menos acentuado do que em estudos que apresentam índices superiores. Entre os fragmentos passíveis de identificação, observa-se a predominância de pratos, igualmente com 25% (16 fragmentos), o que comprova sua importância no conjunto de utensílios de mesa. Em seguida, destacam-se as sopeiras, com 20,3%, (13 fragmentos) todos esses fragmentos se referindo à mesma peça, e as tigelas, com 14,1% (9 fragmentos). As demais categorias, como pires (2 fragmentos), provável sopeira (2 fragmentos), xícara (1 fragmento), provável xícara (1 fragmento), malga (1 fragmento), açucareiro (1 fragmento), prato ou pires (1 fragmento) e vaso (1 fragmento), aparecem com frequências reduzidas, variando entre 1,6% e 3,1%, porém servem de indicadores da provável diversidade do acervo.

Entre as amostras observadas no acervo, algumas peças apresentaram maior potencial analítico, destacando-se os pedaços de sopeira (Figura 15A) composto por 13 fragmentos pertencentes à mesma peça. A decoração foi aplicada por meio da técnica de *transfer print* em azul-cobalto, com esmalte em *whiteware* e motivos fitomórficos que remetem a padrões de corais ou ramificações vegetais, distribuídos no exterior, no interior e também no apêndice da

sopeira. Na parte inferior, observa-se o vestígio de um selo oval (Figura 15B), cuja inscrição encontra-se completamente desgastada, impedindo a leitura da marca.

Figura 15- Peças da Sopeira MDM52 a MDM64



(A)



(B)

Fonte: Arquivo do projeto “Materialidades do Conflito e do Pós-conflito na Guerra do Paraguai”, 2025

Apesar do apagamento, a forma da cartela, o uso de *transfer print* no selo e a qualidade da decoração permitem estabelecer paralelos com faianças inglesas do século XIX, especialmente com a produção da manufatura *Davenport*, de *Staffordshire*, que recorrentemente utilizava selos ovais harmonizados com os motivos decorativos das peças (Figura 16A), o que não era comum pois as marcas normalmente tinham um selo padrão. Esse conjunto de elementos sugere uma peça pertencente a uma série diferenciada ou produzida de forma mais exclusiva, reforçando seu caráter de distinção social. A riqueza de detalhes e a execução cuidadosa indicam tratar-se de uma louça de alto padrão, provavelmente importada e associada ao consumo das elites, embora a atribuição definitiva ao fabricante permaneça impossível devido ao estado de conservação do selo.

Figura 16- Exemplo de selo *Davenport* que segue os padrões de decoração da peça.

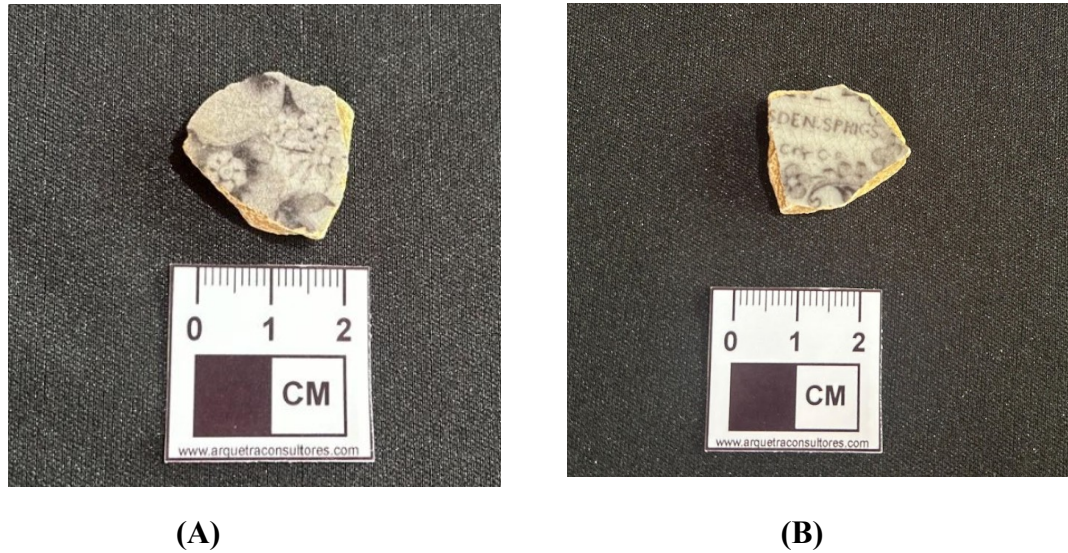


Fonte: *Brettells Auctioneers & Valuers*, 2019⁵

Um dos pequenos fragmentos encontrados apresenta-se como uma espécie de selo (Figura 17B) em *transfer print* preto, com ambos os lados decorados em motivos florais (Figura 17A) e exibindo uma qualidade de acabamento bem definida, além de ser um fragmento muito nivelado, característica que define a peça como parte da base da peça original, porém por ser muito pequena não foi passível de identificação do corpo do objeto que pertencia. Nele é possível ler a palavra *SPRIGS*, precedida pelas letras *SDEN* (cujo *S* não é muito semelhante aos outros *S* da imagem). Como não foi possível rastrear qualquer fabricante ou localidade que corresponda a essa combinação de letras, a hipótese mais plausível é que tal inscrição não se refira ao nome da marca que produziu a faiança fina, mas sim ao estilo ou nome do padrão decorativo. *Sprigs* (raminhos) pode ser um termo empregado para designar motivos florais aplicados em repetição, o que se aplica diretamente com o padrão observado. Assim, as letras *SDEN* provavelmente compõem parte de um nome de padrão hoje incompleto, possivelmente algo como “—DEN *SPRIGS*”, é provável que, se o fragmento fosse mais amplo, e o selo visível completamente, seria possível identificar com precisão a marca ou o fabricante original.

5 Brettells Auctioneers & Valuers; *A Collection of 19th Century Ceramics*. 2019. Disponível em: <https://www.easyliveauction.com/catalogue/lot/30add9066dd5373c80de2e88fc543297/0af8d24542e81eb9357e7ef448a6646f/antiques-and-musical/>. Acesso em: 28 de nov de 2025.

Figura 17- Peça MDM33



Fonte: Arquivo do projeto “Materialidades do Conflito e do Pós-conflito na Guerra do Paraguai”, 2025

O próximo fragmento identificado como pertencente à base de uma peça em faiança *pearlware*, apresenta técnica decorativa em *transfer printing* preto e conserva parte de um selo, no qual é legível apenas a inscrição “PRIMA” (Figura 18). A presença dessas letras sugere que o carimbo fazia referência à classificação da peça, possivelmente remanescente de expressões como *prima qualité* ou *prima calidad*, amplamente empregadas para indicar primeira qualidade.

Figura 18- Peça MDM35



Fonte: Arquivo do projeto “Materialidades do Conflito e do Pós-conflito na Guerra do Paraguai”, 2025

O fragmento seguinte pertencente à borda de um prato em faiança *whiteware*, apresenta decoração em *transfer printing* preto, combinando elementos fitomorfos, lineares e geométricos, além de um fragmento de cena no centro da composição. A borda revela a presença de painéis moldados que, conforme discutido por Tocchetto (2001, p. 40), associam-se ao chamado padrão Gótico, característico de louças produzidas em formatos quadrados, hexagonais ou octogonais durante o século XIX, além da qualidade da louça, o corpo claro e a precisão do *transfer* indicam um objeto de produção industrial refinada.

Figura 19- Peça MDM01



Fonte: Arquivo do projeto “Materialidades do Conflito e do Pós-conflito na Guerra do Paraguai”, 2025

A próxima borda apresentada corresponde a um fragmento de prato em faiança *whiteware*, decorado em azul-cobalto por meio de pintura a mão livre (figura 19), exibindo uma série de linhas verticais curtas e repetitivas ao longo da extremidade, característica que remete diretamente ao estilo *Shell Edged*. Contudo, conforme discutido por Tocchetto (2001, p. 39), apenas as peças que apresentam superfície modificada, com relevo moldado e incisões, podem ser classificadas como *Shell Edged* em sentido. Segundo ela, alguns autores apontam que “imitações” pintadas, sem o tratamento físico da borda, continuaram sendo produzidas até 1880/1890, preservando o conceito por meio de uma execução simplificada. Assim, este

fragmento se enquadra precisamente como uma imitação pintada de *Shell Edged*, mantendo somente a característica fundamental, as linhas puxadas perpendiculares à borda, produzidas exclusivamente pela aplicação manual do pigmento. A presença desse tipo de imitação suscita ainda uma reflexão sobre o acesso a bens importados durante o conflito: sua utilização pode indicar tanto limitações de abastecimento quanto um esforço deliberado de preservar uma aparência de requinte mesmo diante de recursos ou canais comerciais reduzidos.

Figura 20- Peça MDM14



Fonte: Arquivo do projeto “Materialidades do Conflito e do Pós-conflito na Guerra do Paraguai”, 2025

Portanto, as análises realizadas a partir dos fragmentos provenientes dos jardins e da antiga residência de Madame Lynch, em Humaitá, permitem compreender esse conjunto como parte significativa do patrimônio material feminino em contexto de guerra. As louças identificadas, predominantemente faianças, com algumas reconhecidas inglesas, não apenas pelas técnicas decorativas, mas também pela presença de selos com inscrições em inglês, revelam escolhas de consumo que dialogam diretamente com o universo doméstico e performativo associado à figura de Lynch, cuja atuação social e política no interior da guerra é central para a leitura deste espaço. A coexistência de diferentes técnicas, como o *transfer printing* em preto e azul-cobalto e verde, o uso de *whiteware* e *pearlware*, bordas decoradas e imitações pintadas de *Shell Edged*, reforça o caráter híbrido e complexo desse acervo, cuja cronologia se alinha ao período de ocupação da casa durante o conflito em que Elisa Lynch esteve envolvida.

Nesse sentido, os fragmentos não apenas informam sobre o cotidiano doméstico em meio a guerra, mas também evidenciam como Lynch mobilizou objetos de mesa para construir e projetar sua presença social, inserindo-se em práticas de distinção e gerenciamento do espaço doméstico feminino em um contexto marcado por batalhas. Assim, o conjunto de objetos de uso cotidiano torna-se um instrumento essencial para compreender como gênero, materialidade e poder se entrecruzam na experiência desta figura histórica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trajetória de Elisa Alicia Lynch, revisitada pela historiografia crítica e pela Arqueologia Histórica, evidencia como a cultura material e as práticas do cotidiano constituem elementos fundamentais para compreender a experiência humana em contextos extremos, como a Guerra do Paraguai. Em meio a uma das mais devastadoras guerras do século XIX, Elisa procurou manter formas de continuidade da vida doméstica e social que funcionavam como verdadeiros mecanismos de preservação simbólica, mecanismos que se expressavam particularmente nas práticas de mesa, nos rituais de comensalidade e no uso de louças finas. Longe de serem meros objetos de ostentação, as louças, talheres e utensílios cuidadosamente selecionados por ela assumiram uma dimensão política e identitária revelando como as mulheres, muitas vezes relegadas ao silêncio pelos discursos militares e diplomáticos, atuaram de maneira decisiva na construção de normalidades possíveis em meio ao caos da guerra.

As biografias demonstram que Elisa Lynch manejava com maestria a arte de receber e organizar banquetes e recepções, práticas entendidas, no século XIX, como espaços de sociabilidade e afirmação de poder. Elisa dominava essas práticas desde sua formação no *Trinity College* e sua vivência na sociedade parisiense, onde frequentou salões e recepções luxuosas da corte de Napoleão III, junto a Francisco Solano López, ambos acostumados ao uso de porcelanas e mobiliário refinado (Frota, 2014). Essa cultura material europeia não apenas compôs seu repertório estético, mas moldou sua compreensão sobre a importância política e simbólica da mesa. A mesa, enquanto espaço de convívio, etiqueta e negociações implícitas, operava como um “jogo social” cuja dinâmica exigia domínio de códigos, gestos e objetos. Em pleno território paraguaio, devastado progressivamente pelo conflito, Elisa reproduziu esse universo de sociabilidade como forma de preservar não apenas sua identidade, mas também a imagem de um Paraguai civilizado, organizado e distante da barbárie atribuída pelos discursos inimigos, como sugerem as análises de Lima (1995, p.137) que ressaltam que, no século XIX, a mesa funcionava como modelo de identidade e como instrumento político capaz de expressar refinamento e coesão social entre os grupos dirigentes.

A importância da mesa como expressão de identidade é explicitada pela própria historiografia que analisa o período. Conforme afirma Frota (2014, p. 96), “a mesa se afirma como modelo de identidade” no século XIX, sendo vista tanto na apresentação dos pratos

quanto na etiqueta ao desfrutar da alimentação. Ambas as dimensões eram mobilizadas por Elisa Lynch, que via nos objetos de mesa, louças, talheres, cristais, uma forma de expressar continuidade e coesão social. Claude Lévi-Strauss, citado na mesma análise, lembra que a culinária é uma linguagem, e essa linguagem, no caso de Elisa, comunicava refinamento, ordem e resistência. Em outras palavras, as louças não eram meros artefatos isolados, mas parte de um amplo sistema simbólico que estruturava formas de convivência, poder e identidade em meio à guerra.

As louças materializam comportamentos, expectativas e papéis sociais, como Lima (1995 p. 145-155) observa em relação ao ritual do chá no Rio de Janeiro oitocentista. Ainda que Elisa não estivesse no mesmo contexto urbano ou geográfico, a lógica cultural é a mesma: a domesticidade refinada era, para as mulheres de elite, um campo de atuação onde se afirmavam valores, status e competências sociais. Nesse sentido, as casas de Elisa, como sua residência em seus jardins de Humaitá, funcionavam como cenários onde a cultura material do lar adquire, paralelamente, uma dimensão pública e política.

Entretanto, a manutenção dessa normalidade não significou alienação quanto ao conflito, mas constituiu um gesto de resistência num ambiente marcado pela destruição. A guerra arrasou a paisagem paraguaia, transformou casas em hospitais de campanha e deslocou civilizações inteiras. Ainda assim, Elisa acompanhou as tropas, trabalhou na enfermaria, organizou abastecimentos, supervisionou trincheiras e até estruturou um núcleo primitivo de informações militares (Frota, 2014). Apesar dessas ações concretas amplamente documentadas em suas biografias, sua memória foi sistematicamente distorcida pela historiografia tradicional, marcada pelo machismo e por narrativas moralizantes. A insistência de diminuir sua participação na guerra a um papel de apenas ex-prostituta e esposa do comandante, destituída de agência, demonstra o quanto a presença feminina em contextos estratégicos ou de poder é frequentemente alvo de estigmatização.

Aqui se revela o segundo grande eixo desta conclusão, o apagamento feminino no patrimônio de guerra. A Arqueologia de Gênero, como ressalta Furquim e Jácome (2019 p. 13-16), evidencia que as narrativas históricas e patrimoniais tendem a privilegiar feitos masculinos, militares e políticos, relegando às mulheres papéis secundários ou invisíveis. Mesmo quando mulheres atuam diretamente em eventos militares, como enfermagem, inteligência, logística, administração de acampamentos, tais contribuições são ofuscadas. No caso de Elisa Lynch, essa dinâmica se intensifica porque sua atuação pública desafiava as expectativas tradicionais do feminino oitocentista: ela ocupava espaços de sociabilidade dos

homens, influenciava decisões políticas e encarnava um papel extraoficial de primeira-dama num país cujo sistema político não havia preparado lugar para sua figura.

Esse apagamento se reflete também na própria cultura material. As louças de Elisa, os móveis saqueados, os pratos e cristais que hoje se encontram perdidos após os saques ou até mesmo expostos em museus, todos esses objetos, deslocados de seu contexto original, se tornaram testemunhos silenciosos de uma presença feminina apropriada, fragmentada e reinterpretada pela narrativa oficial do pós-guerra. A sobrevivência desses objetos ilustra não apenas as perdas materiais impostas pelo conflito, mas a violência simbólica de uma história que preserva artefatos, mas apaga a mulher que os selecionou, usou e significou.

A análise das louças no contexto do patrimônio material da Guerra do Paraguai permite, portanto, operar uma reescrita da memória. Esses objetos domésticos, como argumenta Lima (1995 p. 129), compõem sistemas de significação que ultrapassam a funcionalidade e revelam modos de vida, hierarquias e identidades. A materialidade do cotidiano, pratos, xícaras, travessas, preserva práticas sociais, ritmos domésticos e valores coletivos que não aparecem em documentos oficiais. Ao aplicar essa abordagem à trajetória de Elisa, torna-se evidente que a mesa funcionou como contraponto simbólico ao campo de batalha: enquanto a guerra dissolvia a ordem, a mesa recriava microespaços de estabilidade; enquanto o Estado paraguaio colapsava, Elisa erguia, na escala doméstica, gestos organizados de uma vida cotidiana.

Assim, concluir este trabalho é reconhecer que as louças de Elisa, longe de serem objetos neutros, são testemunhos materiais de uma experiência feminina que enfrentou, simultaneamente, o peso da guerra e o peso da memória. Elas revelam uma busca por normalidade, uma reafirmação de identidade e uma afirmação de humanidade no interior de um dos episódios mais violentos da história sul-americana. Revelam, também, como a história e a arqueologia, quando revisadas criticamente, podem devolver às mulheres o lugar que lhes foi negado na construção do patrimônio cultural.

Ao integrar essas perspectivas, história revisionista, arqueologia de gênero e análise da cultura material, este estudo demonstra que recuperar a trajetória de Elisa Lynch é uma forma de ampliar a compreensão da própria Guerra da Tríplice Aliança. A guerra não foi feita apenas por generais e diplomatas, mas também por mulheres que cozinham, cuidaram, receberam, planejaram, organizaram e resistiram. Entre elas, Elisa Lynch ocupa um lugar central. Sua mesa, suas louças, suas práticas de sociabilidade e sua coragem de acompanhar de perto o conflito, compõem um testemunho profundamente humano, que desafia o apagamento e

apresenta novas possibilidades de interpretações para o patrimônio da guerra que devastou uma nação.

REFERÊNCIAS

ASQUI, Jorge Kristóf. Aspectos interculturales de la Guerra del Paraguay: el papel de los húngaros en el primer conflicto moderno de América Latina (1864–1870). In: **Latin America and Hungary – Cultural Ties**. Budapeste: Ludovika University Press, 2023. p. 131–146. Disponível em: <https://openaccess.ludovika.hu/nke/catalog/download/293/2614/6040?inline=1>. Acesso em: 12 out. 2024.

BARRET, William Edmund. **Una amazona: la apasionante biografía de Madame Lynch y Solano López**. Assunção: Servilibro, 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita Guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. 3ª ed. - São Paulo: companhia das letras, 2022.

DOURADO, Maria Teresa Garritano. A construção de um mito: Elisa Lynch e Solano López. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 24., 2007, São Leopoldo. *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Leopoldo: ANPUH, 2007. Disponível em: <https://encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.24/ANPUH.S24.1005.pdf>. Acesso em: 23 out. 2025.

FANNING, Ronan; LILLIS, Michael; PARO, Marisa. **Calúnia: Elisa Lynch e a Guerra do Paraguai**. Editora Terceiro Nome, 2019.

FROTA, Luciara Silveira de Aragão e. Elisa Alicia Lynch: a dama de aço do Paraguai. **Cordis. Mulheres na História**, São Paulo, n. 12, p. 79–105, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/21936/16117>. Acesso em: 21 set. 2024.

FURQUIM, Laura Pereira; JÁCOME, Camila Pereira. Teorias de gênero e feminismos na arqueologia brasileira: do dimorfismo sexual à primavera queer. **Revista de Arqueologia Pública**, Campinas, v. 1, n. 13, p. 1-27, jul. 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8654825>. Acesso em: 23 out. 2025

GAIMSTER, David; MAJEWSKI, Teresita. **International Handbook of Historical Archaeology**. New York: Springer, 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. **Revista Estudos Históricos**, v. 1, n. 2, p. 264–275, 1988. Disponível em: <https://share.google/4neoVcUaVleUnKkTI>. Acesso em: 21 set. 2024

LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, N. Ser. v.3 p.129-191 jan./dez. 1995. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/anaismp/a/GLHKn7W47Kw9gJgffDfNbHh/?lang=pt> Acesso em: 12 ago. 2025.

MICOTTI, Paola. “A Pantera de Saia”: Elisa Lynch narrada pela imprensa e por si. **Anais do Encontro Estadual de História da ANPUH-SP**, 2024. Disponível em:

https://www.encontro2024.sp.anpuh.org/resources/anais/12/anpuh-speech2024/1726160764_ARQUIVO_2793f7661380ce8d17216db42f6c90f0.pdf. Acesso em: 24 set. 2024.

PRADO, Vivian Duré. **Madame Lynch: un touch de clase en el período post-colonial**.

Asunción: Universidad Nacional de Asunción, Instituto Superior de Arte “Olga Blinder”, 2016. Disponível em:

https://www.academia.edu/40998517/_Madame_Lynch_un_touch_de_clase_en_el_per%C3%ADodo_Post_Colonial . Acesso em: 12 out. 2024.

RIBEIRO, Loredana. Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade. **SAB – Revista de Arqueologia**, v. 30, n. 1, p. 210-235, 2017. Disponível em:

<https://revistasab.org/revista/article/view/517> . Acesso em: 19 out. 2025.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. In: **Gender and the Politics of History**. New York: Columbia University Press, 1989. Publicado em português pelo SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, 2016. Disponível em:

<https://soscorpo.org.br/wp-content/uploads/2016/07/Genero-categoria-de-analise-Joan-Scott.pdf>. Acesso em: 15 out. 2025.

SENNA, Adriana Kivanski de. As mulheres em luta: Madame Lynch e a Guerra do Paraguai (olhares historiográficos). In: PRIMEIRAS JORNADAS DE HISTÓRIA REGIONAL COMPARADA, 4., 2000, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Rio Grande: FURG, 2013.

Disponível em: <http://www.fee.tcche.br/sitefee/download/jornadas/1/s16a1.pdf>. Acesso em: 29 out. 2025.

SILVA, Natania Neres da. Elisa Lynch como heroína nacional no stronismo: representações de gênero, domesticidade e sufragismo. **Diálogos**, Maringá, v. 24, n. 3, p. 198–220, set./dez. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/56669/751375151473>. Acesso em: 03 ago. 2024.

SILVA, Natania Neres da. **Injúrias, ressentimentos e glórias: usos políticos de biografias na construção da memória de Elisa Lynch**. 2019. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 206 p., 2019. Disponível em:

https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/USP_a4a471ddb60e0d9398ea8dc0c7ad2e2. Acesso em: 03 ago. 2024.

SYMANSKI, Luis Cláudio Pereira. **Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998

TOCCHETTO, Fernanda Bordin; SYMANSKI, Luis Claudio Pereira; OZÓRIO, Sérgio Rován; OLIVEIRA, Alberto Tavares Duarte de; CAPPELLETTI, Ângela Maria. **A**

faiança fina em Porto Alegre: vestígios arqueológicos de uma cidade. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 2001.

VERA, Rosanna López. Mansão de Elisa Lynch. Assunção; **Portal Guarani**, 17 de agosto de 2009 Disponível em: [Revitalización de la Casona de Elysa Lynch \(2\) - Casona de Elisa Lynch \(13-08-09\) - COMISIÓN NACIONAL BICENTENARIO 1811-2011](#). Acesso em: 07 de novembro de 2024